

Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO

ANNO I

Bello Horizonte, 14 de Julho de 1925

N.º 5

SUMMARY

PEDAGOGIA—A educação post-escolar e o aprendizado—Ensino do vernáculo—O «beto dos cinemas nas escolas»—Finalidade do trabalho manual para mulheres—Finalidade do trabalho manual para homens—O trabalho ma-

nual na formação cívica dos jovens—Lições instructivas. VARIEDADES—jogos physicos nas «escolas»—A lenda do Arco-Iris. SECÇÃO OFFICIAL—Relação dos professores empregados.

PEDAGOGIA

A educação post-escolar e o aprendizado

No momento em que o governo se preoccupa com o ensino tecnico profissional e cuida da instalação de cursos complementares, recentemente introduzidos na organização do ensino primario do Estado de Minas Geraes, é interessante transcrever nesta revista trechos de um communicado de M. LACONIN á «Société d'Encouragement» de França, em que se verifica a parte activa que as sociedades e as companhias tomam na formação dos technicos profissionais.

Para auxiliar a educação technica dos aprendizes o industrial se acha em condições infinitamente melhores e mais economicas e com meios de acção muito mais poderosos do que a escola isolada das officinas. O ensino ministrado na propria fabrica ou officina escapa ao grave inconveniente que se verifica em toda escola: o afastamento da vida, que torna o ensino meramente abstracto.

A Companhia de Estradas de Ferro de Orléans conseguiu uma organização original e pratica. Procuraremos salientar os pontos mais interessantes dessa instituição.

«O aprendiz o dura tres annos. A admissão dos aprendizes se faz em outubro depois de rapido exame que consta de: dictado de um trecho de vinte linhas com algumas difficuldades grammaticas; problemas sobre as quatro operações, o systema metrico, as superficies e os volumes usuas. No acto da matricula, faz-se um contracto de aprendizagem entre a Companhia e o pae do candidato. Os alumnos são distribuidos pelos grandes depositos de locomotivas, pelas officinas, etc.

A educação dada ao aprendiz consiste em uma instrução profissional manual completada por cursos theoreticos. Esta differe naturalmente com as especialidades ensinadas. A instrução theorica comprehende duas categorias de cursos: uma destinada á formação geral, e outra á formação profissional do aprendiz. Cada uma dellas comporta duas lições de hora e meia por semana. No terceiro anno os cursos de formação geral duram apenas tres mezes.

Essencialmente praticos e nitidamente orientados para a profissão, os cursos de educação profissional constam do estudo de desenho e de technologia, illustrado com demonstraões feitas sobre machinas e apperellos da officina.

Os de educação geral comprehendem o estudo do *francaes*, tendo em vista as regras de grammatica e a formação de um vocabulario de cerca de duas mil palavras; da *arithmetica* (quatro operações, systema metrico, fracões, regras de tres e divisão proporcional); da *geometria* (linhas, superficies e volumes, construcções geometricas, principios do desenvolvimento das superficies); *physica* da gravidade e pesos especificos, propriedades geraes dos solidos, dos liquidos e dos gases, temperatura, quantidade de calor, propriedades do vapor d'agua, principio das machinas de vapor e dos motores de explosão); da *mechanica* (força, centro de gravidade, trabalho, potencia, machina simple). Os cursos do segundo e terceiro anno consistem na revisão dos do primeiro, a experiencia tendo demonstrado que estas duas revisões são extremamente uteis.

Estes cursos são dados por agentes especiaes (antigos alumnos de escolas technicas) auxiliados por «preparadores praticos». A Companhia se occupa tambem com a formação dos professores especializados. A instrução dos alumnos é verificada por interrogaões frequentes e classificações mensaes. No fim de tres annos, passa-se um certificado áquelles que o mereceram.

A esta organização se juntam obras complementares: bibliothecas (quarenta e uma com 2.000 volumes), uma revista, *L'APPRENTI P. O.*—, contendo artigos de educação profissional, technica, moral; sociedades desportivas; sociedades musicas; conferencias, etc.

A Companhia ainda organizou cursos de aperfeicoamento, destinados a melhorar a cultura de todo o pessoal. Um «*wagon d'instruction*» permite cursos ambulantes, que a experiencia tem demonstrado serem muito uteis».

Esta rápida resenha dos cursos da Companhia d'Orleans mostra quão útil e proveitosa pôde ser a colaboração das companhias particulares de indústrias, viação, etc. com o Estado afim de resolver o problema vital para as nações novas, como o Brasil: a formação de técnicos capazes.

(L'Ecole et la Vie, anuário 8, n. 31, 18 Abril 1925.

Ensino do vernáculo

(ADAPTAÇÃO DE CLAUDIO BRANDÃO)

O director da escola normal «José A. Nuñez», de Santiago, elaborou, segundo um plano racional e proveitoso, um programma de castelhano, que, em seus princípios gerais, poderiam adaptar ao ensino da lingua patria.

A ORIENTAÇÃO PRIMACIAL do programma collima:

a) dar a os alumnos uma pratica real do idioma, mediante a conversação, a dissertação oral e a composição escripta;

b) fazel-os conhecer e apreciar obras lit erarias devidamente seleccionadas.

Para se atingirem esses objectivos, deve abolir-se a memorizção esteril de regras grammaticaes e rhetoricas, de aridos exercicios de analyse, e incentivar-se o gosto pela leitura, procurando satisfazer a curiosidade dos alumnos e despertar nelles gratas emoções.

O ensino não deve limitar-se aos elementos mecanicos do idioma—correção de erros grammaticaes, estrutura da phrase, forma das composições—; integra-se com a apreciação artistica e moral. Ao professor compete suscitar no discipulo as emoções estheticas que brotam de um conto, de uma poesia, de uma phrase. O ensino da lingua materna se torna, fassim, prestante agente educativo, nortecendo o senso ethico, elemento basico de toda a civilização.

Muita valia tem para o programma o ENSINO ORAL. A voz e a expressão agradaveis, a linguagem correcta e polida, a cultura evidenciada por um extenso vocabulario, o poder descriptivo e narrativo, a persuasão nas controversias, constituem uma força prestacia para influir na opinião do meio em que se age. Cumpre, pois, á escola ampliar essa fonte e utilizal-a para os mais altos interesses sociais.

Relevantissima é a CONVERSAÇÃO, não sómente pelo seu valor linguistico, senão tambem como aperfecionadora de uma habilidade de alcance pratico, muitas vezes decisivo em assumptos e negocios quotidianos, que se resolvem quasi sempre com uma conversa bem dirigida. O professor, portanto, entretrá os discipulos, durante alguns minutos diariamente, com assumptos que os captivem e eduquem. Neste exercicio, elle adquirirá tambem um conhecimento mais perfeito da psychologia dos meninos.

A COMPOSIÇÃO ORAL é consequencia necessaria de um ensino que se não restringe a simples lições decoradas, mas que procura aproveitar as varias actividades dos alumnos. Elles dispõem de idéas claras e do um auditorio—a escola—a quem transmittil-as. «Basta para o que devem expôr o resultado de suas investigações pessoas, de suas visitas ou excursões, de suas observações, ou que apresentem soluções de problemas que preoccupem a classe, ou que apreciem os meritos dos diferentes modos de se fazer esta ou aquella coisa».

Não se transformem, porém, estas composições oraes em exercicios rhetoricos e artificiaes: devem representar a lingua em sua funcção natural, como realmente se usa na vida collectiva.

Conviria fizesse cada alumno, todas as semanas, uma exposição mais ou menos extensa a seus companheiros e não apenas ao mestre. Este, propondo muitas perguntas, prejudicaria a pratica do idioma; pois, assim, o alumno se limitaria a respostas laconicas, ás vezes a simples monosyllabos. Ao revés do que, em regra, se pratica, devem predominar, nas classes de vernáculo, a leitura em silencio e a composição oral.

A COMPOSIÇÃO ESCRITA applica-se o que foi dito a respeito na oral. Insista-se, principalmente, na forma epistolar, de preferencia a qualquer outras.

Seja, porém, qual for o genero de composição escolhido, deve inspirar-se na observação pessoal do autor e accionar-lhe a potencia creadora.

A CORREÇÃO DAS COMPOSIÇÕES não se circumscreve á critica indispensavel do professor: deve ensinar ao alumno a criticar e apreciar, com intelligencia, não só os trabalhos proprios, mas tambem os alheios.

A critica do professor é completada pela dos collegas do autor.

As indicações seguintes servirão para auxiliar alumnos no seu plano critico:

- 1.º Leia a composição.
- 2.º E' interessante? Cite algumas cousa para proval-o.
- 3.º Mostra o autor interesse pelo assumpto de que trata?
- 4.º Mantem-se dentro delle?
- Interella alguma cousa desnecessaria?
- 5.º E' V. capaz de propor alguma expressão nova?
- 6.º Mencione uma palavra que pareça a V. bem empregada.
- 7.º Aponte alguma ou algumas das phrases melhores.
- 8.º Indique alguma ou algumas phrases que se podem melhorar.
- 9.º Ajude seu collega a rezel-as.
10. Corrija os erros grammaticaes.
11. Emende os erros mecanicos.

Em summa, a idéa cardinal, no corrigir as composições, é que os estudantes se ajudem reciprocamente. Convirá para isso dividir-se a classe em grupos de cinco alumnos: estes, elegendo um de seus membros para chefe ou presidente, lerão e emendarão os exercicios, antes de entregal-os ao mestre.

VOCABULARIO—Si, no manejo da lingua, é conveniente a variedade das formas estruturadas da phrase, assume importancia maxima a adquiria-se um vocabulario que se preste, fielmente, ás necessidades de expressio. «O maior embaraço litterario e social do termo medio dos cidadãos é, sem duvida, o vocabulario estreito e impreciso que possuem. Além disso, cada palavra nova apprendida amplia tanto o poder mental como o poder verbal».

Tendo presentes estas razões, cuidará o professor de enriquecer o lexico dos alumnos, e de empreger exercicios em que figurem o vocabulo exacto e a expressão caracteristica na transmissio das idéas.

Para a LETURA no PRIMEIRO ANNO recommenda-se uma serie de exercicios tendentes a tornar-lhe mais rapido e mais agradável o ensino.

As melhores escolas estrangeiras dispõem de material apropriado para iniciar, accordemente com a psychologia infantil, o ensino da leitura, e não principiam este pelo emprego de palavras normaes, nem exercitam a analyse phonetica desde o primeiro momento. Começa-se a classe de leitura com vocabulos que tem um significado positivo, apprehensivel, para as crianças: rimas ou estrophes previamente decoradas, trechos de cinco ou seis phrases formadas por ellas mesmas, a proposito de alguns contozinhos que hajam dramatizado e associado a construcções na mesa de arca. Allia-se a isso a leitura incidental de palavras escriptas na pedra e relacionadas com os trabalhos de outras classes ou com ordens que os alumnos devem executar: sentar-se, levantar-se, etc. Durante este periodo, procura-se que elles entendam o conteúdo da leitura, distingam uma linha de outra e reconheçam cada palavra insaludadamente, sem fazer, entretanto, a analyse phonetica.

Não vem aqui a pêlo discurrir-se sobre a variedade de exercicios com os quoes se animam estas classes e se desperta o interesse dos meninos: é bastante dizer que a methodologia inspira-se no proposito de tornar delectavel o ensino, dando-lhe, quanto possivel, o caracter recreativo.

No fim de umas cinco semanas dedicadas ao trabalho precedente, ficam os alumnos habilitados para lerem narrações seguidas em seu livro, profusa e artisticamente illustrado.

Só neste periodo, tem cabimento a analyse sonica do vocabulo.

Tão vantajoso é este processo que muitos meninos chegam a lêr, durante o anno escolar, de dez a vinte livros adequados á sua capacidade. Deve-se isso ao facto de que tal processo colloca o alumno na posição de um verdadeiro leitor:—lêr para apropriar-se do conteúdo da leitura, enriquecendo sua experiencia e recebendo prazer de sua actividade.

E', pois, de recommendar-se, no ensino da leitura, se apresente aos discipulos, desde as primeiras lições, um conjunto de expressões que contemham um pensamento completo, lhes prenda a attenção e nelles accórdem o desejo de lêr cada vez mais. Será então necessario não um unico primeiro

livro, mas uma serie de primeiros livros, além de gravuras em grandes folhas de papel com a leitura correspondente, para as lições iniciaes deste ramo didactico.

A tendencia moderna do ENSINO DA GRAMMATICA é a simplificação:—deve explicar-se apenas o estritamente necessario para a correção da lingua-gem e para um ligeiro conhecimento da estrutura da phrase.

A observação dos erros de linguagem commetidos pelos alumnos e a perseverante emenda delles é um dos elementos praticos do ensino do idioma. elemento que não pôde ser descurado sem detrimento para os estudantes. Nos primeiros annos, a correção é pratica, não menciona reccns: nos ultimos, fundamenta e esclarece as normas grammaticaes reforçadoras da correção proposta.

OBRAS LITTERARIAS RECOMMENDADAS PARA OS CURSOS—O programma assigna a cada curso certo numero de obras cuja leitura se pôde aconselhar.

Tal indicação, porém, não obedece a regras fixas, tem o caracter de mero ensaio. Não existindo, por enquanto, uma bibliotheca escolar, falta a base experimental para a selectão das obras mais accomodadas a cada curso. Assim, temos de cingir-nos, para a organização e distribuição das listas de livros, ao que se pratica no estrangeiro, valendo-nos tambem de nossa experiencia propria.

BIBLIOTHECA—O programma será inapplicavel em uma de suas partes essenciaes, faltando uma bibliotheca á escola; pois a esta cabe, antes de tudo, despertar na criança o gosto pela leitura. Para isso, não poderá limitar-se a pôr-lhe nas mãos apenas o syllabario e os trechos do livro em que lê: tem de ministrar-lhe livros adaptaveis á sua experiencia e interesse.

Obras illustradas, cantos, narrativas historicas, observações da natureza permitir-lhe-ão adquirir o desejo de gozar a belleza litteraria e de augmentar sua cultura, pelo esforço pessoal, desde que entra para a escola até sair della. Accender nos escolares o entusiasmo pela bibliotheca é um dos mais transcendentes objectivos da educação moderna, e, sem parecer exaggero, poder-se-ia acrescentar que tambem o é diffundir esse entusiasmo nos lares e nas localidades por cujo bem estar ella se esforça, como fora onerosissimo para o governo prover cada escola de uma bibliotheca, competia iniciativa, á abnegação e á perseverança do pessoal dirigente e docente de cada uma levar os paes de familia e as autoridades locais a total-a dos livros indispensaveis á educação infantil.

Obtida a bibliotheca, deve levantar-se a estatistica diaria da leitura por alumno. Ler-se-ão alguns livros integralmente, outros parcialmente, como obras de referencia.

QUADROS—O programma introduz a observação systematica de quadros artisticos. Talvez, em breve, possa o commercio fornecer esse material educativo de primeira ordem, com a mesma abundancia e modicidade com que o offercem os editores europeus e norte-americanos.

Entretanto, recomenda-se ao professorado se empenhe em mostrar á classe as mais bellas illustrações de livros e revistas á seu alcance, não só para suscitar nella emoções estheticas e apurar-lhe o gosto artistico, senão tambem para motivar exercicios naturaes de linguagem; — enumeração, descrição, interpretação, narração, commentarios.

DRAMATIZAÇÃO — Preconiza-se aos professores empregar amplamente o exercicio da DRAMATIZAÇÃO, que corresponde á uma das caracteristicas psicologicas infantis, tendo, além disso, o merito de encarnar um intenso espirito social.

Consiste ella na vivida representação, feita pelos alumnos, de uma poesia ou narrativa lida na classe ou fóra della, ou de um conto ou historia que o mestre haja relatado.

Emquanto está fresca a emoção recebida, pede-se aos escolares interpretem como actores o trecho lido ou narrado, escolhendo o professor, ou melhor a classe, aquelles que devem desempenhar os diversos papéis.

A dramatização é um exercicio muito valioso para cultivar a naturalidade da phrase. Demais, auxilia os timidos que se induzem a tomar parte nella. O mestre deve acostumar os alumnos a indicar como se póde fazer a representação da obra.

Deve preferir-se um conto curto, elegendo-se-lhe, ás vezes, a parte mais facilmente dramatizavel.

Este exercicio é activo, não só porque acciona as facultades artisticas do actor — voz, gestos, movimento do corpo — mas ainda porque exige o esforço das facultades creadoras do autor.

De facto, quando o caso o requer, os alumnos devem idear o dialogo e dispôr as scenas. A dramatização vai desde a reprodução animada de uma poesia singela até á transformação de uma narrativa em peça dramatica.

Para isso, devem os alumnos penetrar previamente na intenção da historia que vão dramatizar e sentir os rasgos distinctivos dos caracteres que nella interveem: assim procederão com espontaneidade, usando linguagem propria e dispensando, pouco a pouco, o auxilio do professor.

E' pois, de esperar que se cumpra esta disposição do programma, e o professorado reconhecerá em breve seus magnificos resultados no que se refere á linguagem, ás maneiras, á alegria e á socialidade dos escolares.

(Continúa)

(Do «El Monitor de la Educacion Común», de 31 — I — 925).

O abuso dos cinemas nas escolas

Ninguém pode negar que o cinema é um auxiliar estupendo da educação, util, principalmente para o ensino da geographia e das sciencias naturaes. Diz-se mesmo, com razão, que toda escola bem aparelhada deve possuir uma machina de projecção e os *films* appropriados. Julgamos, por isso, interessante reproduzir os conceitos de Mme. HOLLEBEQUE, que se insurge contra o abuso da applicação do cinema nas escolas.

«E' preciso que não nos illudamos a respeito da applicação do cinema nas escolas, a qual, embora muitissimo desejada, traz em si o grande perigo de todo ensino concreto levado a exaggaro: a diminuição do poder de abstracção, isto é, da intelligencia.

«Suppondo-se que se conseguisse apresentar a uma criança uma quantidade de imagens que não deturpassem o seu conhecimento do universo, haveria um outro perigo a temer. O abuso das imagens, como actualmte, o abuso das palavras, trahiria o esforço da intelligencia.

«Emquanto o professor, seduzido pela belleza expressiva dos *films*, desobrigar-se-la, com os mesmos, de uma parte de sua tarefa, o alumno, facilmente habituado á passagem das fitas, perderia a curiosidade e não estaria mais a devida attenção.

«Sua frequencia e a facilidade com que se succedem ante seus olhos, creariam nella uma especie do automatismo cerebral, visto não ser ali o seu espirito impressionado por imagens estaveis que lhe permitam apoderar-se d'ellas e registral-as. Mais ainda, elle experimentaria, immediatamente, uma sensação de fadiga e confusão.

«Para se defender contra essa multidão de figuras que se misturam e se embaralham na sua memoria, elle opporia a inercia ao esforço excessivo que lhe exigem.

«Julgamos que o cinema não será aproveitavel nas escolas si não for applicado com regra e discernimento. Com effeito, o que importa não é mostrar figuras a todo momento; é escolher as mais caracteristicas e impol-as á memoria.

«A sessão cinematographica não deve, pois, ser o corollario obrigatorio de cada lição, mas condensar, de uma vez, em tempos determinados, uma série de ensinamentos. Ella deve reunir em tórno de diversas imagens ligadas entre si por uma significação commum, conhecimentos que a escola costuma distribuir pelas diversas disciplinas.

Dahi o nosso principio sobre a materia central e as materias em séries».

(L'Ecole et la Vie, 7 de fevereiro de 1925).

CONFERENCIAS

APRIGIO DE ALMEIDA GONZAGA

Finalidade do trabalho manual para mulheres

Sr. director da Instrução Publica de Minas Geraes. Meus Srs. Illustres professoras. Collegas em geral.

E' natural que eu me sinta acanhado, mormente depois de tanta bondade do meu distincto amigo Dr. Lucio dos Santos, mas ponho de parte esse acanhamento porque me sinto quasi em casa.

Quiz a bondade do distincto amigo Dr. Lucio dos Santos, descobrir em mim meritos que não tenho. S. S. viu introspectivamente a grandeza de sua alma, e, com os olhos ainda banhados desse deslumbramento, envolveu-me no esplendor de tão bella visão.

Porém, Srs. ainda se me affigura que elle e eu não fomos talvez, independentes. Nossos cerebros agiram como antenas de um radiopsychic aparelho, mergulhado no mar immenso da mentalidade brasileira, e activado ainda pelo sentir e pelas vibrações latentes daquelles cujas formosas almas nos emocionam.

Ha pouco mais de um seculo, a conjuração que envolveu Thomaz Gonzaga, torçava, pelo odio dos governantes, os Gonzagas de Minas a procurarem outras terras em que vivessem obscuros, sos, frequentes, afogando no coração o grande crime de muito anarem ao Brasil.

E desses mineiros, e dos descendentes desses humildes patriotas, descendo eu, que, devido a esta feliz oportunidade, revejo a Minas, abraço-a, empolgo-a com os meus braços, como um filho que volta ao lar antigo.

Sim! Minas de Felipe dos Santos, de Tiradentes, de D. Viçoso, de Gonzaga, Santos Dumond, e de tão nobres e gloriosas tradições, eu te revejo, porque, através de minha alma, de meu coração, através de meu ser, te revem a grandes olhos os que muito te amaram e que por ti tanto sofreram.

Finalidade do trabalho manual para mulheres

A these reclama uma pequena digressão elucidativa. Eu sou de opinião que a escola deve ter o reflexo do meio, e, si ha escola que deva manter e aperfeiçoar o meio brasileiro, corrigido e educando a este, é, sem duvida, a escola profissional.

E' mister conhecermos a natureza dos educandos, seu genio, seu caracter e o caracter geral da raça, para estabelecermos os methodos e processos de instrução e educação adequados.

A escola que não attende á natureza e ao caracter da raça que educa e instrue; a escola que emprega sistemas de ensinamentos de outros povos, sem consultar as diosyncrasias do seu meio, as peculiaridades do caracter dos seus educandos, do submettendo-os á mesma razoria, presta um grande serviço á sua patria, porque afoga a porção mais bella da alma humana — a expansão da personalidade.

Façamos a escola brasileira no meio brasileiro.

O lar modelo

Vae para 20 annos, chegava eu a uma interessante fazenda em Caconde, propriedade do sr. Martins, homem ás direitas, que comparo aquelles tão famosos paulistas, descritos por Oliveira Vianna, em seu magnifico livro «Populações meridionaes do Brasil».

Acolhido, como sóe sempre acontecer aqui, como no Rio de Janeiro, ou em qualquer pedaço do Brasil, com a bondade e o carinho que os brasileiros sabem ter, tive occasião de presenciar a vida patriarchal e exemplar de sua familia; e, sem apparatus de criados e mucamas, suas gentis filhas preparam o almoço, bom e reparador. As lides caseiras eram por ellas

mesmas desempenhadas. Bem fallantes, tocaram piano, e, o que mais ainda me espantou, disse o fazendeiro que, as colchas, toalhas, brins de fino desenhado e delicado tecido, que vi, eram todos tecidos em sua casa.

Em outras viagens successivas, a Minas e ao Norte do Estado, tive tambem occasião de verificar que, além dessas prendas as moças e as senhoras donas de casa faziam rendas admiraveis, tecidos que mais se assemelhavam a filigranas de prata tramadas por mãos de fadas, que obra humana, de mãos que lidavam de sol a sol, alegres, expansivas, na doçura da paz do lar feliz, sob as bençãos de Deus, que baixam sobre os que não enveredam na criminosa ociosidade, e não tem vergonha do trabalho.

Dessa minha viagem ficamos uma impressão profunda: porque todas as familias, porque todos os jovens, de um e outro sexo, não se educam no trabalho para o trabalho? Porque ás moças não se dá uma educação como a que vi nesses lares, onde a mulher — mãe, esposa, filha, irmã — é o amparo, o anjo benfeitor, fonte de toda a alegria e felicidade que é possivel encontrar na vida?

A proposito desta passagem, recordo-me de um facto que se deu em Pedreira. Eu era bem moçinho e acabava de casar-me.

Apareceu alli um medico edoso que fazia a apologia do seu celibatarismo e condemnava os moços que se casavam. Levava-os mesmo a admirar a sua vida, como elle dizia de grande gosador.

Não decorreu um anno e elle adoeceu gravemente. De todos os seus amigos um unico ia visital-o: era eu. Num dia, em que tivera um ataque, agarrei-o, pul-o no leito e elle, voltando-se para mim, disse: Meu amigo! Meu amigo! Sinto que você fez muito bem em casar-se: Si eu fora casado, não soffreria o que estou soffrendo agora.

— Como! disse-lhe eu, o sr. que tanto elogiava a vida de celibatario?

— Não, filho; eu não me casei por egoismo; tive modo de constituir familia...

Denominação da Escola

E, desde então, o problema da educação da mulher, mãe de familia, dona de casa, jamais se apagou de minha memoria. Durante os meus estudos para esse ramo de educação, pratiquei em escolas profissionais particulares: convivi e conversei no estrangeiro; até que se formaram as minhas conclusões, quando director da Escola Profissional Feminina da Capital.

Objecto da Escola

A finalidade do ensino profissional de artes e officios para a mulher não me parece bem orientada. A escola profissional dever-se-la chamar «Escola de Educação domestica e profissional». Eu quero a escola que prepare a dona de casa, dando-lhe uma profissão, e não á escola que forme operarias, em detrimento da sua missão social. Deixemos de parte toda essa questão de direitos, reivindicções e feminismo. Attendamos á natureza, que, na organização e differenciação organica de cada um, estabeleceram as funções e as adaptações á vida.

A escola profissional, para mim, é um grande lar, e, sob esse ponto de vista, desdobrarei o meu modo de ver, para mostrar a oportunidade e o acerto dessa orientação.

Eu vou conversar, palestrar com as minhas collegas, a respeito da finalidade do trabalho manual para mulheres:

Revista do Ensino

Uma das cousas que mais me feriram a attenção, no Congresso Pedagógico de crianças, no Rio de Janeiro, foi a exposição de trabalhos femininos que os Grupos escolares apresentavam.

Alli se viu colchas de seda, cortinas, bordados, almofadas, almofadas, centros de mesa; não se via, porém, um pannião de algodão não se viu um objecto de utilidade. Era somente a ostentação, quer dizer, a quasi inutilidade para as meninas que frequentam esses estabelecimentos de ensino.

Papel da mulher

Na sociedade actual, é cada vez mais complexo o papel da mulher. Si attentarmos ás condições de vida, já não podemos deixar de considerar que á mulher está affecta, talvez, a porção mais difficil na tarefa de formação da sociedade, a cellula fundamental do organismo social.

A escola domestica profissional deve organizar-se de modo que a mulher se basta a si mesma e seja um elemento de evolução commum.

Para isso, a mulher tem deveres e direitos: educar-se, dirigir o lar e trabalhar, como diz uma grande educadora.

Educando-se, ella adquire as qualidades precisas para armar o seu espirito e fazer-se cada vez melhor; elevar-se e comprehender a sua alta função social, as suas responsabilidades no magno problema da educação dos filhos, na orientação do esposo, no governo do lar, e na preparação dos cidadãos para a patria.

Dirigindo o lar, mãe de familia, ella está no seu verdadeiro papel, no seu throno de magestade, onde, plasmando o caracter dos filhos, formando-lhes a alma, contendo e aconselhando o esposo, é causa de grandeza, de valor da sua patria.

Trabalhando, ella vem cooperar para a riqueza e o bem estar do seu país, e não só satisfazer a imposição da lei biologica do trabalho, como, antes as difficuldades actuaes da vida, presta o seu auxilio ao progresso social e augmento da riqueza commum.

Hoje, como diz Kropotkin, homens e mulheres, todos devem trabalhar e ganhar a vida com o seu proprio esforço. No mundo não ha mais lugar para os inúteis.

A escola tem de encarar estes problemas e organizar-se de modo a ser o eivar-meio de formação, de preparação. A escola tem de encarar a mulher sob duas faces: a mulher casada e a mulher solteira.

Nessa interfeccão, organizar-se para que ella cumpra a sua missão—mãe de familia, esposa quando necessario fôr; trabalhadora, ao lado do homem, para se manter, sem dependências ou humilhações.

Ser mãe de familia, dirigir o lar, é a missão que Deus lhe mercou. Mas como nem todas as mulheres são mães de familia e dirigentes do lar, a escola deve organizar-se para a função principal, sem deixar de preparar-se para a immedia.

Na maioria dos casos, attendendo á maior natalidade das mulheres, ás difficuldades da existencia, que fazem os homens tenderem para o celibatarismo, á incuria dos paes, que não cuidam de preparar as filhas para a vida como se nos apresenta, communique as mulheres se encontram em grandes difficuldades para viver. Os paes, quando ricos, dão-lhes educação de salão: piano, canto, sports, danças e outras prendas, que estão muito bem nas ricas (eu até acho que nem as ricas têm o direito de desconhecer o trabalho da educação dos filhos e a direcção do lar); mas, para a classe pobre, só na escola domestica está a salvação. Na escola domestica a mulher deve aprender a ser boa dona de casa. Mas, o que se deve aprender e como aprender, é a questão formal. A escola tem de visar a formação da mãe de familia, e a sciencia que nos deve preoccupar é a «economia domestica», ou antes, a «sciencia do lar».

Avulta na sciencia do lar a educação dos filhos: formar uma criança desde o seu nascimento, dar-lhe os cuidados physicos que o seu tenro corpo reclama, adivinhar suas emoções, acompanhar o despertar de sua intelligencia, observar e orientar a sua vontade, corrigir e amparar, zelar de sua juventude, guiar o filho nos primeiros passos da vida, são problemas que, cada vez mais, avultam com o crescer da prole.

A mulher na sociedade

Acompanhar a vida do esposo, animar-lo, educar-lo mesmo, aparar as duras arestas do seu caracter, zelar pelo governo e economia do lar, enfim, tudo justifica o que eu disse a principio — á mulher cabe a parte mais difficil, mais espinhosa, de maior valor, na formação das sociedades e na grandeza da patria.

Justifico-me: quantas vezes os motins sociaes, as grèves, as lutas politicas nascem de pequenos problemas caseiros!

A. é operario; ganha 6\$000 diários. Sua mulher não conhece a economia domestica, ou não a pratica, e gasta 6\$500 ou 7\$000.

O homem no fim do mez vê que os seus ganhos não dão. Appella para o patrão, pedindo augmento. Esse, cujos lucros industriaes lh'o não permitem, nega. O operario abandona o trabalho, vem para a rua, grita, junta-se aos criminosos, e, dahí, nasce a multidão de seitas ou quejandas seitas de bolchevistas, minimalistas, etc.

Vede o contrario: B. é operario, ganha 6\$000 diários. Sua mulherzinha conhece a economia domestica e a pratica. Divide o ordenado do marido em 3 partes. Uma dellas é para o aluguel de casa, e as duas restantes para a alimentação. Começa por não gastar mais do que isso; estabelece o regimen dos assentamentos ou ról de despesas. Faz tudo em casa, para evitar o gasto; porque, como se diz, dinheiro que não sae é dinheiro que entra.

Na sua casa não ha sobras, porque ella mede, pesa, conta, como as hollandezas, distribui de maneira que a sua lata de lixo não seja, como é commum, o escondouro dos bolsos do marido: desperdicio. Diariamente nós vemos o lixo, mesmo de casas operarias, com restos de arroz, feijão, etc. Ella não faz mais do que aquilo que é necessario. Sabe o valor dos restos: os papeis de embrulho, as cascas de legumes e fructas, os barbantes, tudo ella guarda, deixa secar e tem combustíveis para um dous dias por mez. Todos os dias as gorduras e o sebo da carne são guardados, e, depois de secos, são derretidos com agua e um pouco de cinza: tem o sabão de pedra, tão bom ou melhor que o vendido por ahí, molle, derretendo-se atoa e custando um dinheirão.

Que direi dos ossos da carne? Ella sabe que os ossos, bem limpos e lavados, secos ao fogo, para desinfecção, são moídos e pulverizados a martello. Com esse producto, ella tonifica os seus filhos, dando-lhes uma colheirinha de café de quando em quando, para fortalecer-lhes os ossos, formar-lhes o esqueleto; porque se aos passaros e outros animaes nós damos pó de osso para artificial-os, também os nossos filhos dellas precisam. Esse producto é a calcoseo, que as pharmacias vendem por preço fóra do alcance dos pobres, maravilhosamente tónico que o lixeiro carrega commumente.

Conheço um professor allemão que está rico, devido ás economias de sua esposa. Certa vez deixou elle um emprego que lhe dava 800\$000 mensaes, e ficou como simples ajudante de professor, com 150\$000.

Perguntei-lhe como se arranjan para viver, assim com tamanho desequilibrio. Muito bem: minha mulher, incluindo o aluguel da casa não gasta 1\$0\$000 e eu ainda guardo 30\$000. Olhe, acrescentou, ella mesma me corta o cabelo, faz as minhas roupas e cria galinhas. Eu não preciso pedir. Posso esperar commodamente qualquer occupação melhor.

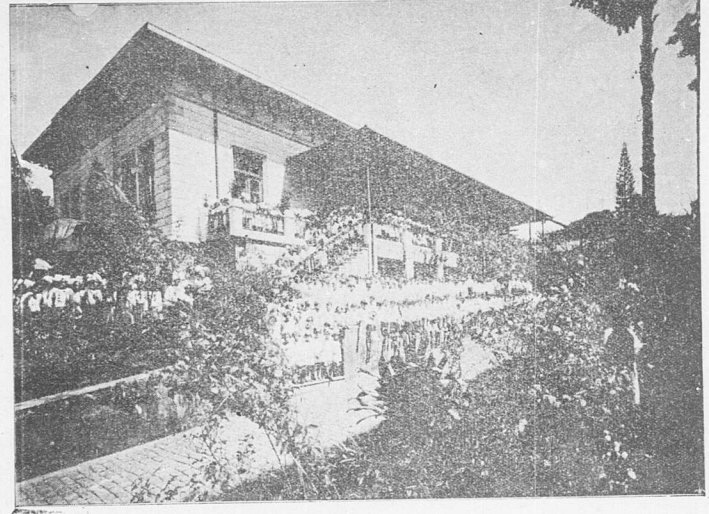
Que esse professor allemão é um dos melhores constructores de igrejas em S. Paulo: chama-se Carlberg. Elle dirigia as obras da Cathedral e ganhava 800\$000 mensaes. Veio a guerra; o Governo po-lo na rua, e eu o mantive noutra collocação como ajudante de professor.

Acabada a guerra, o Governo chamou-o de novo e deslucou o antigo emprego; os padres tambem lhe confiaram a direcção das obras de outra igreja e elle ainda obteve a construcção de outra em Santos e diz que se sente muito bem e que não se importaria de voltar aos 150\$000 mensaes, graças á economia da esposa.

Tudo isso que acaba de relatar pertence á sciencia do lar, áquella economia domestica tão descurada e que á base do bem estar social.

Fim da escola

Más, repito, não deve a escola domestica cuidar só disso: educar a dona de casa. E' preciso dar-lhe uma profissão, para que, quando solteira, possa a mulher viver do seu



Grupo Escolar «Affonso Penna»

trabalho e cooperar tambem, ao lado do homem; e, indo ás fabricas, aos escriptorios, ás profissões liberas, concorrer para a riqueza e o progresso do país.

Logo, organizada a escola domestica, sem fazer operarios, mas visando a educação harmonica da mulher, focalisemos dentre todas as materias a economia domestica, que podemos dividir em 3 partes: a cozinha, a hygiene infantil e a casa.

Eu não quero fazer cozinheiras, não. Eu desejo, como disse Ramalho, nas «Farpas», fazer conhecido o valor dos alimentos de poupança; a razão porque se faz esta ou aquella comida e porque se faz.

Bem razão têm os americanos de chamar a cozinha «curso de chimica alimentar». A cozinha é realmente um laboratorio.

No Brazil já tivemos um inicio de orientação nesse sentido, em São Paulo. Porém fecharem o curso da cozinha da Escola Normal de São Paulo. Porque? Simples: Porque a professora entendia que ensinar a arte culinaria era dar banquete: Gastava por dia talvez 5\$000 ou 7\$000. Ao cabo de alguns meses, ou 1 anno, o Governo mandou fechar aquelle curso que importava um dispendio extraordinario.

Não é assim, porém, que se procede em Buenos Ayres. Alli a professora sabe pela manha com suas alumnas e dirige-tas ao mercado. Cada uma leva o seu caderninho para tomar nota dos preços, pois que é necessario preparar o prato que foi estudado no dia anterior.

Alli se estuda a qualidade dos alimentos, examinando-se o numero de calorías que contem cada substancia. Estudam-se assim as substancias que convêm ao trabalhador, ao homem de escriptorio, ao jornalista, ao advogado, ao que tem profissão sedentaria, etc. Organizado o menu, trata-se de execu-

tal-o, procurando-se variar-o de dia para dia. Assim, a despesa é pequenina e a escola perfeitamente organizada.

No Congresso da Criança, no Rio de Janeiro, uma das secções mais dignas de serem visitadas era a dos cartazes relativos á alimentação das crianças. Em geral, damos ás crianças os mesmos alimentos que comemos. Vi alli um cartaz francez admiravel, onde se achava representado o protesto das crianças.

Cominhavam as crianças com um estandarte, e cartazes debaixo dos braços. Um dizia: «Eu quero mamãe e não a mamãeiras». Outra: «eu quero leite, não quero farinhãs». Outra: «quero um banho diário». Outra: «Eu quero os cuidados de minha mãez».

Em geral, as mães, que não têm leite, não sabem preparar-o; compram-no em mãos de quanto queieiro ha, e lá vêm dysenterias, as molestias do tubo intestinal.

Ha mães que deixam os seus filhos entregues ás crianças. A criança não quer saber disso: a formação do caracter se dá ao calor do collo materno. Outras mães, nos cartazes, estão comendo alimentos solidos, indigestos ás crianças, destinados a adultos, e attendem ás solicitações do filhinho, dando-lhe esses mesmos alimentos. Entretanto, o que se deve mostrar ás crianças é o leite humanizado. Poucas pessoas sabem preparar-o. Na Argentina, e tambem no Uruguai ha centros de preparação desse leite, fazendo-se do mesmo distribuido gratuita a quem o solicita. No entanto, entre nós, o leite é comprado aos queieiros, ao preço de 400 ou 600 rês o litro, e a consequencia é serem as crianças anemicas, cheias de molestias, dando-se ao medico o que ficaria em casa com um bocadoinho de cuidado.

Em S. Paulo, ha centros de preparação e distribuição desse leite, e o que é precioso é somente ir aos mesmos centros aprender a preparação.

Na Argentina e no Uruguai são distribuídos, *la gran maná* cartazes em que se procura fazer a educação da mulher sensível.

No Rio assim não se faz, porque... porque o Rio não quer.

Valor da economia doméstica

Certas noções de química não devem ser desconhecidas; algumas leis físicas não podem ser ignoradas; determinadas recepções não podem ser negligenciadas.

Porém, não quero um cathedático; quero uma senhora — e sei que ha entre nós bastantes — que saiba, junto do fogão, expor, praticamente, mostrando como se faz, fazendo.

Exemplo: o sal de cozinha, o vulgarissimo sal, é um alimento de primeira ordem e um restaurador milagroso das nossas energias. Elle é o unico ou quasi unico vehiculo de arsenico de que tanto carecemos; mas, e preciso dizer, o sal que contém esta substancia e o sal grosso, o sal não purificado; o sal fino, purificado, não contém quasi arsenico e não nos pode ser útil benéfico.

Quanto a importancia do sal grosso na alimentação, eu cito, de passagem, o opinio do Dr. Ferreira Barreto, e por experiencia sei qual que e capaz de transformar a decrepitude em pujança. Aos proprios animaes costuma-se dar grandes doses desse ingrediente; e, sob a sua acção tornam-se fortes, vigorosos, gordos e de pelo lustroso.

A farinha de trigo, faz perca ao trigo quasi 80% do seu valor nutritivo. Devemos moer, ou antes, socar o trigo, peneira-lo e fazeremos nos mesmos o nosso pão. Por isso dizem em portuguezas: quem come pão de padeira, anda sempre em lazeira.

As panelas estanhadas, contém mercurio ou mesmo chumbo na crosta que as reveste: este, em contacto com o alimento, que o sal desprende lentamente, pode nos causar prejuizos organicos.

As panelas louçadas dependem pequenas esquilomas de louça, que são causa de apendicites.

A panela louçada, com o calor do fogo, estala e solta lasquinhas que, muitas vezes, ao comerem, mastigamos, trincando nos dentes. Dahi a seis mezes ou um anno temos uma apendicite e dizemos: não sei porque tive apendicite». Entretanto esse mal foi motivado pela esquiloma de louça da panela em que foi feito o nosso alimento. Forque, entretanto, não usar a panela de pedra?

Eu a uso.

O vinagre tem acção corrosiva sobre as mucosas, especialmente sobre o do estomago; deve-se evitar o vinagre e preferir o limão.

Em geral dá-se o seguinte facto, como o que se passou com a minha senhora: comprou esta senhora um fogão com seis buracos. A cozinheira collocou em cada um, uma panela com um guizado qualquer, e assim fez todos os dias. No fim do mez, a senhora gastou seis carroças de lenha, grande quantidade de gordura, sabão, etc., e disse-me que os alimentos ficaram mal cozidos, encruados, por excesso de fogo. Elle soube a causa...

Contei-lhe o então seguinte caso: na Bélgica e na França, posteriormente nos Estados Unidos, as familias adoptam cozinhar com uma só bocca no fogão. Collocam as panelas de modo que se adaptem com um marmitta; arrumam os alimentos de baixo para cima, em ordem decrescente, quanto ao grau de dureza e exigencia de calor: primeiro a sopa, depois os guizados e por ultimo o arroz. Com o calor que se transmite de uma a outra panela, ficam os alimentos cozidos com um dispêndio seis vezes menor que com as seis bocas do fogão. Ainda mais se economiza lenha, e se economiza a panela encosta na chama, avaliamos o pouco consumo de sabão e sabão para a limpeza.

Este facto, que é expressivo, provocou da parte de uma outra senhora, mais de um alto funcionario do Estado, esta resposta: «Ora, que milagre! Eu já fiz isso ha muitos annos e com a vantagem de não usar sapolico.»

Então nós precisamos esperar pelos francezes e belgas para saber isto? Não é minha senhora, disse-lhe: o que a experiencia de muitos annos lhe ensinou, é necessario; que o

faça a escola em poucos minutos. E é verdade. No fundo, tudo isso são frioleirias, cozinhas; mas, sobre essas cozinhas asseriam as bases da economia e do bem estar da familia.

Quantas moças não sabem lavar nem engomar! Entretanto, vi na principal escola de Buenos Ayres, na escola de los amigos de la instruccion, moças das mais finas familias engomando collarinhos e punhos. Ellas não vão exercer a profissão de engomadeiras; ellas não vão usar, mas podem precisar.

E depois, só sabe mandar, quem sabe fazer... Eu mesmo fiquei longo tempo a ver como se passa: roupa sem ferro de engomar—por meio de compressão entre dois cylindros de madeira.

Arte culinaria

Ha um escriptor que escreveu uma bellissima obra sobre o modo de ornar a casa, e nos seus collarinhos, diz que a felicidade assesta, de preferencia, onde ha mais gosto no arranjo do lar.

Tratando da couzinha, dos alimentos, vem a pello o seguinte: F. é casada com um cidadão que exerce uma profissão cedeitaria: professor, advogado, medico, guarda-livros, etc. Bondosa, procura, todos os dias, variar-lhe os pratos: hoje, éum cozido; amanhã, feijoadá; depois ensopado, etc. Seu marido cada vez mais se queixa de mil e um males, provenientes da alimentação pesada e pouco digerivel. Torna-se dyspeptico, doente, mal humorado, e, como sempre acontece, a vida passa a ser um inferno.

Mas, se a esposa conhece o valor dos alimentos de poupança que, sem fazer peso ao estomago, são facilmente digeríveis, prepara um *paré*, carne em pó, legumes, bananas cozidas, para sobremesa, e, logo, os males desaparecem num relance e a felicidade não foje jámais.

Os homens são como peixes; fagam-se pela bocca. A mesa é o seu maior atractivo. Depois dos 40, é uma lastima: têm um olho á cozinha e outro á repartição.

Demais, para preparar um cozido, ou uma feijoadá, o dispêndio de combustivel é enorme e o proveito alimenticio fraco.

Mais vale um abacate, um ovo cozido, e uma taça de leite, que um formidável prato de feijão, ou uma lasca de carne.

Algumas senhoras acham que ás crianças se deve dar o mesmo alimento que aos adultos; a consequencia é a desordem gastrica, a dilatação do estomago e todo um cortejo de soffrimentos.

Eu desculpo as donas de casa; não é que ellas não queiram fazer ou tenham má vontade. Não aprenderam; ensinam e vejam-se ellas não farão melhor do que o esperado. Nossas patriotas sabem ser intelligentes e dedicadas.

Tambem comprar a felicidade por tão pouco...

Roupa e hygiene das crianças

Na segunda parte do curso de economia domestica—a roupa e a hygiene das crianças, temos um campo vastissimo. Respirei, aqui e ali, alguns casos para mostrar a importancia desse estudo: eremenda teu panno que te dura um anno, diz o adagio, e é verdade.

O costume dar a roupa usada, ou quando muito, vendê-la, Mas, poucos conhecem ou têm rouparia, onde se guardam os tecidos velhos, para, em qualquer momento, usa-los. Os tecidos de linho e de algodão, quanto mais velhos melhor; tornam-se alvos, macios e leves.

Desfiados, dão fios para teridas, córtex, etc. Emendados, com as sobras de costuras, dão colchias de retalhos, os saccos para pão, as camisolas de dormir e as camisolas caseiras para crianças.

Uma coisa notavel: as crianças ficam mais alegres quando se vêm trajando uma camisola de varias cores, pintalgada, matizada e florida.

Por isso a escola deve ensinar a aproveitar os retalhos, fazer remendos e serzir.

Ainda mais: lavar e passar, engomar e frizar; tingir mesmo. Que custa fazer uma agua de anilina, com um pouco de fixativo?

Mostra-se como um par de meias brancas torna-se creme, amarello, roseo ou azul, fazendo 4 ou 5 vistas.

A mãezinha pôde aprender a fazer o vestidinho de sua filha, as touças e as meias, passarem pelas cores do arco-iris, com grande economia para o esposo e a alegria das crianças.

Sem sair ainda da economia domestica, devemos ensinar os cuidados com a roupa. Quantas familias vem successivamente os filhos atacados pela diarrheia verde, colicabacillose, unicamente porque fazem as crianças dormirem em camas ou vestirem as roupinhas de um irmão que está ou esteve enfermo. É preciso levar a roupa e expor ao sol intenso as cobertas de flanella e lá, para evitar as transmissões.

Muitas enfermidades dos adultos se transmitem ás crianças pelo leite materno que têm os paes de fazerem dormir as crianças em seus leitos e em suas roupas de cama.

A madeira é o maior vehiculo de molestias. As mães deixam os vidros expostos ás moças; o bico de borraça sem protecção, sem lavar; deixam fermentar o resto do leite, e as enfermidades apparecem, e, muitas vezes, victimam as innocentes crianças.

Deve-se usar vidro de bocca larga; cada vez que se der leite ás crianças, deve-se lavar-o com pau envidroado num panno, cobrindo tudo com um guardanapo, para evitar as moscas. Assim, muitos males são evitados.

Ha tempos, viagei em um navio allemão e aprendi como se prepara um mosquitoier sem despeza: um copo de agua com sabão, coberto com uma fatia de pão, na qual se usa uma pela parte de baixo com um pouco de assucar, tapa o copo; faz-se um furo no centro da fatia, mais ou menos do diametro de um lapiz, e tem-se um magnifico caça-moscas.

O arranjo do lar

«The House Decoration and School» é o titulo pomposo de um magnifico livro de frioleirias. O autor, Priestman, norteamericano, nos dá o seguinte exemplo: coga um homem do trabalho, cansado, arreliado, com os nervos carcomidos. Entra. Aqui e ali, roupa pelo chão. Uma vassoura cahida; farelhos de pão sobre a mesa. A mulher, fatigada, a sala suspensa de uma banda, de outra, de um lado, de outro, de um lado, de outro, Plinio, como disse H. de Campos, já advinhastes qual é a impressão do homem. E elle, então, começa a lembrar-se da salinha limpa e arejada, bem arrumada do bar ou do café. Mal acaba de jantar, vae atirar á gaveta criminosa os magros tostões que lhe dariam o bem estar em casa.

Mudemos o quadro: o trabalhador chega á casa; o chão brilha; a toca mobilha bem limpa; a mesa coberta com uma toalha bem alva, de panno de sacco, onde a esposa abriu uma franja bem larga, desfiando-a, fazendo caprichos aranhaes. Sobre a mesa, uma garrafa envolvida em papel amassado, de cor alegre, apertada ao meio, com um cordãozinho, garrafa essa que agora é uma jarra japoneza, ostenta uma rosa, algumas flores, uns galhinhos verdes. Na parede uns chromos. Por toda parte, a ordem e o asseio. A esposa, trajando um vestido limpo; os filhos penteados, tudo indicando o asseio e o capricho, que são o má do mulher sabe dar.

O homem repara, gosta e deixa-se ficar. Sente-se bem; agrada a esposa, ralha dalle «luxe», como elle diz; mas, no intimo do coração, agradece aquelle desvelo.

Ahi está a facilidade. Estará mesmo? Sim, estará.

Dr. Orison Sweet Maaden, cujo nome quer dizer oração e trabalho, nos mostra que a felicidade está ao pé de nós, em toda a parte.

Afastemos as tristezas; olhemos a vida pelo lado bom. Convençamo-nos de que somos felizes; confrontemos o nosso estado com o daquelles que soffrem mais; e, admirando, prestando attenção ás belezas que Deus espalhou na natureza, num pôr de sol, num amanhecer, sentir-nos-hemos felizes e ser-lo-hemos realmente.

Esta é a verdade. Qual é o segredo do encanto da mulher franceza, do lar europeu, com pequenas excepções?

É que a mulher franceza não perde a fina graca; reveste tudo de arte; torna coquetos tudo que a rodeia; e, embora os annos passen sobre ella, como sobre Mathusalem, sabe sempre se fazer agradável, e tem jeito para occultar as imperfecções da natureza e os estragos dos annos.

O arranjo da casa é uma verdadeira sciencia, com os seus problemas, regras e collarinhos, principios e objecto.

O objecto é a felicidade e os principios se resumem num só—fazer o lar agradável e sadio.

Quem faz a casa e o morador, diz o vulgo, não quem a construiu.

Os desperdícios da cozinha, cinzas, pennas, pontas e restos, tudo se utiliza.

Uns galhos de roseira, plantados pelos cantos do quintal, em breve desbrocham em rosas, galgam muros, sobem as cumieiras, fornecem as flores para ornar a casa, perfumam e sanificam o ambiente, fazendo de uma pocuiga um ninho, onde os passaros põem a nota alegre e o chilrear encantador, alegrando os outros passaros—nossos filhos.

Sugestões

Tudo isso a escola ensinará, não com aulas, ou theorias e explicações abstractas—mostrando em estampas os doits effectos, fazendo de verdade num quintal, que sempre ha, praticando.

São coisas facéis, simples e corriqueiras. A questão é começar, o resto vem insensivelmente.

Quantos suggestões me occorrem! Quantos exemplos! Mas, onde iria eu parar nesta palestra, se sobre uma parte della, o arranjo da mulher, a maneira de trajar, escreveu dona Lydia Bohnar um livro «Art in dress».

Nesse livro, ha indicações practicas. Figura a autora um quadro com as cores principaes e suas attens a escala chromatica; as combinações felizes; tudo isso adaptado ás roupas femininas e os chapéus que lhes ficam bem, apresentando contrastes: uma senhora gorda, de pescoço curto, usando vestido largo, com babado, e «pauas aos lados»: fica um verdadeiro repollo.

A mesma senhora, com um chapéu baixo, golla alta, ainda mais gorda fica.

Outro de queixo saliente, usando chapéu esguio para trás ainda deforma mais a physionomia.

Uma senhora magra, de vestido listado, sem golla, chapéu de copa alta, mais magra, mais alta e de mais longo pescoço fica.

Tudo isso rapidamente, é commentado, de modo a mostrar que, pela educação do gosto, e conhecimento do desenho, a moda da senhora vestir-se bem, desenhando e determinando a moda.

Não é commum dizer-se que tal ou qual chapelaria tem mais gosto e seus chapéus são mais bonitos? A costuraria de Fulana tem mais graca? Pois o gosto e a graca são coisas ao alcance de quem quer fazer, principalmente de quem frequenta as escolas domesticas de educação professional.

Eu acho que o «pivot» da economia caseira é a machina de costura, com seu apparelho de bordar.

Aprendei, no curso de economia domestica, a fazer as roupas de vossos filhos, as vossas roupas, as roupas de vossos maridos. Bordaê tudo: um ramo, uma flor, um arabesco, porque o bordado transforma o panno de algodãozinho em a mais fina cambraia.

O bordado e a costura são as portas de salvação para os dias de aperto e para o augmento do ordenado do marido, a garantia da manutenção da mulher solteira.

Ninharias

Todos nós admiramos—e porque não dire-lo?—inveja-mos o surto espantoso da riqueza publica e particular dos Estados Unidos. Mas, se admiramos, porque não procuramos imitar o americano nas sabias medidas que adoptam na sua inequalvel educação domestica?

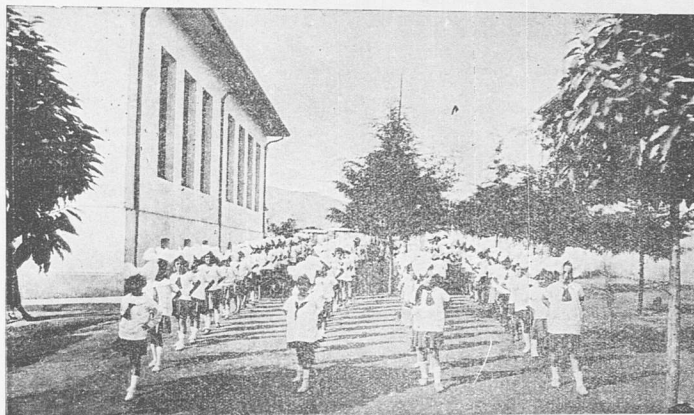
Desçam as autoridades administrativas a faces detalhes, que, entre nós, muitos espiritos que se julgam superiores, achariam ninharias ridiculas para as suas preoccupações.

Porém, a Repartição Federal Vocacional, subordinada ao Ministerio da Agricultura, reconhece na construção do lar uma vocação e proporciona aulas ás donas de casas e ás moças que saem para trabalhar por dia.

Um grande estadista brasileiro disse com accerto: Não ha hequena nem grande questão administrativa, ha questões administrativas, e todas devem merecer estudo.

A face mais bella, porém, dessa obra de preparação social é o corpo de professores viajantes. Elles vão pelas localidades do interior da grande republica, no desempenho da grande vocação de ensinar a economizar e a viver mais folgadamente.

A esse respeito vejamos alguns casos: Lá, como aqui, o tomate, e muitos legumes, são abundantissimos em certa época do anno, e ficam quasi em abanão; noutras escasseiam tanto que attingem a preços fabulosos.



Grupo Escolar «Barão de Macalubas» — Alumnas em gymnastica

Pois bem: Os cursos de economia domestica engendram logo a preparação de conservas, tão finas e tão boas que os productos nada perderam de sua frescura e de seu valor nutritivo dentro do prazo de um anno.

Deante deste successo, porque não vender algumas latas, com a marca das escolas, no mercado? Lançada a idea, possuise-se á pratica e os resultados foram taes que a renda attingiu á cerca de 1 milhão de dollars, só da venda destas conservas. Cerca de 10 mil contos de réis!

E o melhor é que o creme de tomates jamais faltou ás cozinhas, e hoje os Estados Unidos exportam largamente esse producto.

Noutras localidades a produção de leite era enorme, e como não subessem as donas de casa o que fazer delle, era vendido a baixo preço, e servia até para alimentar porcos.

Apareceu um dia a emissaria do Ministerio da Agricultura para ensinar a fabricar queijos: Algumas aulas nas proprias estancias, alguns exercicios, seguidos logo de uma pequena tentativa de exportação.

Diz-nos ainda o relatório que essas localidades, de nenhum valor industrial, passaram a exportar toneladas e toneladas de queijos de todas as qualidades, A's dispensas jamais faltou este esplendido alimento, são, forte e altamente economico.

E com isso valorizaram-se as terras, o gado, e a propriedade; e o dinheiro correu amplamente.

E que diríamos nós se algum se propuzesse a cozinhar sem fogo? Pois as senhoras americanas o fazem. E, para isso, se servem de uma marmitta á semelhança da garrata thermica.

Mas como os materiaes a empregar na referida construção são caros e difficeis de encontrar, mais facil, mais rapido e talvez mais economico ainda é o fogão usado ainda pelos vaqueiros em São Paulo.

Se algum nos dissesse que ia fazer jantar sem fogo, nós não trepidariamos em dizer que esse algum estava maluco. Entretanto, as senhoras americanas aprendem, na escola de economia domestica, a cozinhar sem fogo.

Em S. Paulo tambem os vaqueiros dão feijão cozido ás vacas, durante dias, semanas, mezes e annos. Ora, se elles

fossem comprar lenha a 28S/300 o metro cubico, ficariam fálidos. Usam então um fogareiro que não lhes dá despeza alguma, e que eu achei tão interessante que até fiz do mesmo um desenho que aqui está (mostrando) Uma senhora pôde ter em casa esse fogareiro esse que é constituido por uma lata de kerosene, utilizando-se, como combustível, carvão, papéis, pedaços de madeira, detritos de cozinha e não gastando, talvez, mais de \$100 por dia.

E assim tambem são as geladeiras sem gelo, baseadas na evaporação da humidade, tudo, enfim, como nos mostra o Boletim da União Pan Americana, de Abril de 1923.

Desses nada's é que se forma o oceano da grandeza americana...

Conjuntamente com a economia domestica, que é um como mosaico formado de pedacinhos de todas as sciencias, como disse alguém, a escola terá 3 cursos magníficos: dactylographia e stenographia; corte e costura em geral, e bordados, sem especializar. Dando, porém, nos tres annos escolares, um conhecimento geral de cada curso, poderá á moça, ao sair da escola, escolher o seu futuro, porque estará apta para enfrentar-lo.

Tendo 4 horas, pelo menos diarias de trabalho pratico, não ha possibilidade de falhar o apprendizado; e, com algumas modificações, pequenas, aliás, poder-se-á afirmar que as escolas profissionais femininas do Brasil nada terão a invejar das suas similares do extrangeiro.

Deveres e direitos da mulher

Ainda nada fállei sobre os direitos da mulher. Só fállei dos deveres; mas, nos seus deveres, estão os seus direitos.

Ellas nada mais pedem que aquilo que a Constituição estabelece—igualdade civil e politica. Será pedir muito? —E, realmente, engraçado: fallamos tudo em feminismo—no emtanto tudo que acabo de dizer é puro feminismo—não offende nem ameaça ás instituições. Mas, si bem me ouvirem, todos acharam que temos razão; eu e as mulheres.

Que mais pedi para ellas? Possibilidades de vida, quando não forem casadas; ou, sendo, uma boa direcção, para elevar e melhorar a situação social.

Haverá, por acaso, alguma immiscuição da mulher nos officios do homem? Não; ellas venerarão aos poucos; e, intelligentes, probas, affeições e com maior sentimento que o homem, vence-lo-ão em todos os ramos em que a natureza masculina não estiver aparelhada. Tudo que depende de gosto, minucias e graça, á ellas pertence.

Os horizontes se alargarão e novas fontes de actividade surgirão.

A lavoura, as industrias, são fontes inexauríveis para todas as actividades. Não ha concurrencia; o sol é para todos. Dê-m á mulher a oportunidade de se emancipar da tutela dos homens, que só as pôde aviltar, e ellas transformarão o mundo.

A's casadas, o contracto matrimonial dictará os deveres, mais firmes pelo coração que por nenhuma lei.

A's solteiras, entediadas, cheias de preconceitos, são na maioria dos casos, victimas dos homens sem paravra, gostos, paixões, aprendem a ser hypocritas; mas, pela acção fortemente educativa da escola, possuidoras de cultura intellectual e professional, aptas para se manterem, ellas saberão ser fortes e dignas, na lucta pela vida.

A's escolas domesticas profissionais cabe a mais bella iniciativa brasileira—«a redempção da mulher».

II

Finalidade do trabalho manual para ho.mens

Sr. Director da Instrução Publica de Minas Geraes. Meus Srs. Ilustres pro'fessoras. Collegas em geral.

Eis-me aqui pela segunda vez. Não é culpa minha, se não bondade vossa. Todavia, como vos fállei da finalidade do trabalho manual para mulheres, forçoso era que vos fállesse tambem da finalidade e do trabalho manual para ho.mens.

Imaginemos, srs., um moço em meio de uma larga estrada—a estrada da vida—que ante elle se bifurca.

O caminho da direita lhe diz: Vem comigo; eu te sei aperer, eu te callejarei os pés e as mãos, não terás as do-duras nem as primicias dos grandes nem dos poderosos. Mas, se fôres sobrio, honesto e trabalhador, eu te abrirei a dois ba-tentes as portas da alta sociedade: serás rico, nobre e considerado.

Falla o segundo caminho: Vem: eu sou todo alombros; palmilha-me que não terás espinhos, nem canceiras que ma-tem, nem trabalhos que atelem. Eu te darei o rubi quente, que palpita; a esmeralda, doce como um olhar de mãe, o brilhante e todos os demais distinctivos dos diplomados.

Terás os olhares meigos das jovens, influencia social e politica... mas baixinho, só a sós consigo, diz: serás pobre, serás desiludido... Acompanhemnos espiritualmente os que seguem essas estradas. E' o que faremos imparcialmente nesta palestra.

Slojd é hoje um termo universal, consagrado na Suecia, onde ha uma escola destinada ao preparo de professores para ensinar em praticabilidade manual com finalidade pedagogica educativa.

Com o objectivo de aprender, viço para lá professor: de todas as partes do mundo: japoñezes, chinezes, brasileiros, argentinos, portuguezes e allemães.

Alí estudam convenientemente e depois regressam aos seus paizes para implantar os methodos de trabalho manual com fonte de formação e de desenvolvimento intellectual. E' uma verdadeira gymnastica cerebral que leva ás verdadeiras inferencias, e ás deducções logicas o espirito da juventude.

Cada trabalho destes (mostrando) demanda um certo esforço: um distender do movimento muscular, esforço e movimento que despertam, associam e gravam imagens no cerebro. Porém: esses exercicios e construções não são trabalhos feitos a esmo: são testo experimentados, discutidos e approvados em congressos especiaes de pedagogia. Cada um delles exige um movimento do pulso, uma gymnastica especial, um determinado numero (o menor possivel) de ferramentas para que o alumno pense, reflita e execute, des-pertando o habito de crear e arranque de si mesmo novas for-

mas de execução e o leve ao proprio aperfeioamento physico, moral e intellectual.

O mais interessante nesta serie é o seguinte: atravez desses exercicios insignificantes estão as linhas geras dos principios esteticos de construcção artistica de moveis: o baroco, o Luiz XV, Maria Antonietta; etc., e todos allí estão representados nas formas mais simples, num como abstracto de arte.

O alumno, porém, faz, executa e aprende sem a preoccupação de fazer moveis ou estylos, corriqueiramente, commummente nas aulas, como aprende geographia, linguaagem ou geometria.

Ao sair da escola, com a facilidade e a pratica que adquiriu, ingressa na officina; dão-lhe servicos, elle os executa e diz para si mesmo: «Como é facil!». E sua adaptação na industria está assegurada.

Isso quanto ao Slojd educativo.

A segunda serie é a do Slojd social, quer dizer, exercicios applicados em trabalhos pedagogicos que têm certa finalidade utilitaria. E' principio adoptado no Slojd que todo esforço não seja perdido, de modo que uma lição apprendida é immediatamente traduzida num trabalho pratico de applicação utilitaria.

Temos aqui (mostrando) uma calçadeira, uma face para papel, uma bandeja, um porta-retrato, um porta-relogio, que entexam varios exercicios apprendidos no Slojd educativo.

Observando-se esses exercicios, traduzidos nestas construcções (mostrando), uma taboia para partir pão, um porta-cartão, vê-se desde logo que o alumno revela já ter apprendido o emprego graduado de varias ferramentas e sabe executar os trabalhos da serie social.

Temos aqui (mostrando) um «cachorrinho», com as costas perfuradas para collocar palitos—trabalho de livre concepção do alumno. E' um paliteiro. Não são todavia obrigatórias as creações. Nós as aceitamos como prova de collaboração dos alumnos, e são trabalhos sujeitos á nossa critica. Nós nos reservamos o direito de criticar o trabalho, para orientar o educando e levar-o á propria correcção.

Ahi é que entra a parte do mestre na formação artistica.

A 3ª serie é ainda de Slojd social: São pequenos exercicios que o alumno desenha, depois executa, porém, já com accentuada finalidade professional.

Esses exercicios são immediatamente traduzidos na construcção de pequenos objectos de utilidade immediata e já de accordo com a orientação professional. Uns quebraram-se, mas ainda temos aqui alguns (mostrando). Esta é a taboa para cortar carne. Está aqui a caixa para talheres; ainda, um cotepe para guardar economias (é o espirito pratico americano de crear na criança a idea de economizar e guardar); a cadeira rustica, o porta-vaso, etc.

O fecho é muito simples: é a malheta interna ou externa, que qualquer criança applica. Não é fazer alguma marmitta, que não seja composto destas duas malhetas (mostrando) e da malheta de fecho que pôde ser feita com qualquer canivete ou faca de trabalho.

Na Argentina, em certa escola, teve oportunidade de ver cerca de 200 pequenos munidos de canivete, em trabalho com pedacinhos de taboas.

Aquillo me chamou a attenção e eu perguntei ao director porque se lhes davam canivetes em lugar de formos, com os quaes elles poderiam caniveteir mais facilmente.

—Eu sei que com formos elles trabalhariam melhor, respondeu-me, mas elles devem se arranjar com o minimo possivel de ferramentas. E' esta a razão porque se lhes dão canivetes.

Ha grande verdade nisto: é com o minimo dos meios que devemos procurar attingir o maximo da produção.

Uma caixa com 4 pés é um bahú, é um guarda-roupa, é um armario, um guarda-comida, um guarda-roupa, mas disso: observação, inferencia e acção, construindo os objectos pela analogia de forma. E' muito simples.

A meia madeira—dois pedacinhos de pau—um rebalço, é o fecho de todos os moveis. A mão franceza, a armação do telhado, tudo isso é muito simples, são disposições varias de um mesmo objecto ou de alguns exercicios constructivos.

Aqui tem (mostrando) diversas peças, algumas de invenção minha, diversas de outros, guardando as linhas e directrizes dos Slojds—educativo e social.

Antigamente, quando não se conheciam os processos especiaes de construção de movimentos, todos elles eram feitos com a chaveira, espiga à vista ou cunha. Feito um turo numa taboa, e passando através della o que se chama em marcenaria espiga, colloca-se um pausinho vertical no furo da espiga, formando-se des'arte o fecho externo ou cunha.

Fizemos uma mobília de peroba do campo, para o senador Flacker, toda ella sob esse systema. O senador Flacker, que era descendente de alemães, apreciava muito essa «construção natural» e que ainda hoje é empregada largamente nos países anglo-saxões.

É uma construção primitiva; não exige o auxilio dos artifices da arte: pregos, colla, parafusos, etc. Hoje, a nova maneira de aducar e instruir ainda observa muito os processos naturaes para o encaminhamento professional dos jovens.

Há duas grandes escolas pedagogicas: uma que exige esta orientação; outra que não a exige, mas transforma o alumno em auditor, numo como «gratata vasia, na qual despejam qualquer liquido».

Entre a que educa e ensina, a que faz actor e lhe desperta a personalidade, e a tal escola de papagaios, repetidores, imitadores, abucios, vasos, creio não ser difficil a escola.

Vencerá a escola da praticabilidade manual. A proposito dessa orientação da juventude, alguém me disse um dia: «A França deve manter à sua cultura grega; a França, com a «Sorbonne» é a garantia da superioridade latina na cultura intellectual».

Não sei, respondi-lhe, cousa é essa cultura grega. Eu sei, porque tenho lido, ser a historia grega um fardo manacial de exemplos de philosophos, legisladores e mestres, que precedem a cultura grega, e que a cultura grega é intellectual; sei ainda que, muitas verdades, hoje pregadas como novidades pedagogicas, são aphorismos dos systemas philosophicos da antiga Grecia; mas, no fundo, o que ha é uma verdadeira cultura sobre os fins da nova educação e dos meios para atingi-los.

Julgam muitos que queremos, ou, antes, pregamos, sejam todos os homens carpinteiros, ferreiros ou pintores.

Nunca. O espirito é que nós visamos: e, para educa-lo, não podemos seguir um systema que deixa de associar o sentido muscular na obra de bem informar ou crear as faculdades logicas, os informes, as inferencias e as deducções.

Os olhos do corpo vem; mas os do espirito observam, comparam, reflectem e deduzem.

Se as fontes de inferencias são cegas, cegas serão as conclusões do espirito.

Vieo um cego de nascença ao Senhor para que o curasse.

—Vés, perguntou-lhe o Senhor, pondo-lhe as mãos sobre os olhos.

—Sim, vejo; vejo homens andando como arvores.

Para esse cego, mais cego agora com os olhos abertos, que quando os tinha apagados e fechados para o mundo, elle estava certo e via conforme o seu talso juizo: Elle andava; as coisas andavam perto delly; logo, as arvores andavam e os homens andam do mesmo modo.

Assim, vemos, mas não enxergamos; vemos, mas não inferimos; e, se o fazemos, não tiramos as consequencias logicas, porque o nosso espirito não tem cabedal preciso.

Na nova educação, devemos educar primeiro e instruir depois; empregar as mãos em construir, para que sintamos a verdade e, para que, por meio das mãos, que são os colhos do espirito, formemos o habito da observação, do raciocinio e do julgamento preciso.

A educação litteraria não exclue os grandes principios da educação pelo trabalho, pelos sentidos. Não, ella até os requer.

Desde o jardim de infancia, nos brinquedos de Froebel, construindo; através das escolas primarias, com a faca do Sjojd, construindo; até nas escolas normaes e gymnasios, em seus gabinetes de physica e chimica, em seus laboratorios, redescobrimo, analysando, experimentando e compoendo, construindo; passando pelas escolas superiores, nas de medicina, dissecando, abrindo cadaveres, praticando nos gabinetes de clinica cauterizando, desistindo, porque, aqui, o destruir é tambem construir; nas escolas polytechnicas, medindo, pesando, experimentando a resistencia das materias, empregando

apparelhos, levantando plantas e cartas, em tudo, emfim, construindo, esse systema de educação, em que o moço é autor e não auditor, favorece a cria, anima e desenvolve essa força propulsora e criadora de que a Inglaterra, a Alemanha, a Belgica, os Estados Unidos e o Japão são os mais formidaveis exemplos.

Nossos filhos

Nicolay e Eislander são dois espiritos que se complementam.

O primeiro, francez, lançou uma obra de critica sobre a educação das crianças e engenhosamente nos mostra como isso se passa, acompanhando o desabrochar da vida de menino nas tres phases da existencia—infancia, juvenude e virilidade.

Le-lo é ficar a gente envergonhado de suas proprias fraquezas.

E fazer-se tenção e promessas consigo mesmo de desenvolver melhor os meios para que os nossos filhos sejam uteis a si, á familia, e á sociedade, porque, indiscutivelmente, cousa ha que tenha sido mais maltratada nem peor orientada que a educação dos nossos filhos.

O menino

O filho é, em geral, um tyrannete. Os paes, para não contrariarem o pequeno, deixam que todos os seus instinctos se manifestem na sua forma mais simples: a manha, a teima e o egoismo.

Chora? coitadinho! não vá estar doente. Cuidados, atenções, mil e um sofrimentos passam os paes. Elle observa esta attenção e os desvelos, comprehende e sabe que se interessa por si: Faz manha.

A casa toda gyra em torno desse diábreto. Os paes afflicto, choram, chamam médicos, cedem em tudo, e, aos poucos, o egoismo se manifesta com um cortejo de grosserias que é a tristeza dos paes e o inferno dos creídos, se os ha.

O nené quer isso; não quer; clama; bate os pés; chora, heria e obtem. Seus paes são para elle outros tantos «criados»; a casa, os amigos, a sociedade, o mundo, o universo, todo gyra em torno desse astru de primeira grandeza. E assim se fecha o cyclo da infancia.

O jovem

Creceu o menino. Agora estas formas estão atenuadas. Elle finge temer os paes e manifesta então—hypocrisia, preguiça e vaidade.

Junto aos paes finge attendê-los; lá fóra, porta-se como um arriero.

Nos estudos, colla; queixa-se dos mestres; arranca lagrimas ás irmãs, com as suas grosserias; pede aos paes que o recomendem aos amigos; precisa passar, deve passar nos exames.

Embelezado, risonho, cuida das unhas, cheira a Frasmica d'Orsay, fuma, é insolente no olhar, no gesto e no traço; porém, se alguma o ameaça, manifesta logo o tempera da sua pobre alma, num sorriso covarde, no sperdio, cavalheiro e outras pabolicas creadas pelo desmantelamento dos costumes.

E torna-se homem esta creatura!

O homem no lar e na sociedade

Que principios, que orientação, que finalidade, que sentimentos do «eu» tem para se tornar elemento de uma sociedade, formador de nacionalidade!

Ha tyrannos menos tyrannos, ha feras, menos feras que certos homens em seus lares.

A esposa, victima quasi sempre da sanha, dos rancores, dos vicios e das neurosthenias desses desfigurados, padecem e soffrem torturas immensas.

Maltadas, diminuidas até na sua dignidade de mulheres e mães, vêm passar os dias accorreatas ao posto da ignominia.

Seus filhos, fructos do amor, elle os olha como «pêstes» que a mão da desgraça empurrou subtilmente pela porta a dentro.

Na sociedade, é um mau amigo; offende com os seus remoqueos.

Não pôde ser contrariado, porque, acostumado na infancia, e no seu lar, a ser senhor absoluto, faz-se maldizente, corruptor, incivil e mentiroso, porque não pôde vencer. Seus amigos, não sempre baseados no interesse delly, seus amigos, toleram-no, se érico; mas, quando pobre, enxotam-no, como se faz aos sevandijas mais grosseiros.

Figura então Nicolay um desses num café: entra. Sentase e logo colloca o pé numa cadeira. Bate com a bengala sobre a mesa, e, insolentemente, do alto da sua nullidade, heria ao caixeiro ou «garçon», que o despreza e tem ganas de lhe dar educação.

O Autor francez, não conhece os nossos bondes, sino elle não figuraria o café,eria exemplos num outro logar.

Vêde um bonde da Light. Entra uma senhora. Os homens nem de leve desviam o corpo. Mantêm-se firmes, ou, grosseiramente, de pernas estendidas. A pobre senhora lá vai por entre elles, a esfregar-se pelos seus joelhos, num prodigio de gymnastica para não cair!

Outras vezes, o que é commum, os cavalheiros—si fues individuos se pôde chamar cavalheiros—no banco da frente, «vis a vis» com senhoras, sentam-se immoralmente, em attitude de moleques, porque seria offender aos simples carrocões, se os comparasse com esses «senhores».

Eu sei ser a critica de Nicolay muito pouco applicavel entre nós; mas, em vista dos perigos latentes em tal systema de guiar as crianças, me apresso em prevenir, porque, mais tarde, ha se de querer remediar e não se ha de poder.

Não ha civildade, não ha, porque ella é o fructo da intelligencia culta, porque ella é a resultante da moral e essa não se adquire com um systema falho de educação.

Pôde haver instrução sem que haja educação.

Eislander é um producto da revolução que abalou o mundo. Eislander na «Escola Nova», despedaça todas as convenções e mostra o valor dos nossos filhos levados pelo systema que preconisa, systema esse que tem a novidade de algumas centenas de annos, porém que elle veste de novas roupagens e mostra como se pratica:

Vejamos: Num bonde, vou alguns alumnos á «Escola Nova»—excesso dizer que a escola nova é o que chamamos Escola Professional,—e surge entre os menores uma duvida sobre o thema de suas lições.

O mais velho, geralmente, intervem e faz cessar, com a sua demonstração e autoridade, a duvida, sendo sempre acido

Um passageiro, gentilmente, entabola uma palestra com o moço, e, durante o colloquio, se admira da superioridade do raciocinio, pontos de vista, elevação de caracter, emfim, da moralidade do jovem.

Ao chegarem juntos á escola, o moço o convida a visitá-la, e, então, como um verdadeiro homem, conduz, mostra e explica todo aquelle mechanismo. O que é a Escola Nova?

A Escola Nova

A Escola Nova é a associação da instrução litteraria e professional, baseando-se a primeira sobre a segunda, de modo que, pela associação das observações nascidas do trabalho constructivo, o espirito deduz as verdades logicas.

Assim, as aulas são revezadas com os trabalhos praticos das officinas e outros exercicios distractivos, digamos assim, que tendem a offerecer sadios derivativos á actividade do educando, e que lhe despertam os habitos de fazer, tenacidades iniciativa, paciencia, e, sobretudo, a confiança propria, razão, que, sobre ser a base do caracter, é a cellula mater das grandes nacionalidades.

Isso parece, talvez, um logar commum; mas, me falha uma phrase mais incisiva para explicar a coincidência das grandes formações sociaes, do espirito, de commercio e de industria, de actividade combativa que demonstra certos povos' devido ao methodo de educação que adoptam.

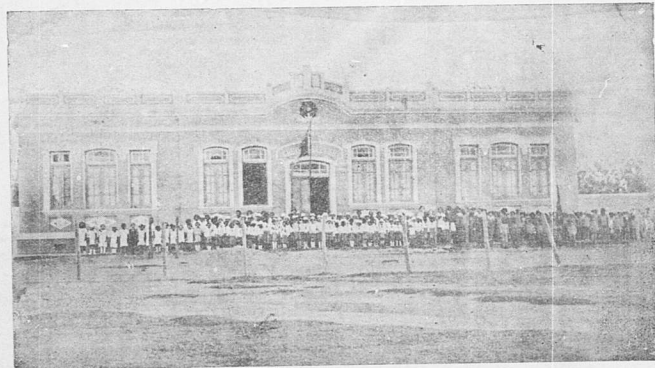
Com o Sjojd formam-se os individuos através do trabalho para o trabalho, aprimorando-se suas faculdades amnicas; e, a resistencia opposta pelos materiaes á vontade, submete o capricho e as tendencias más, dá habitos de ordem, de economia, de perseverança, de tenacidade, desperta e cria o prazer de lutar, de vencer difficuldades, de se bastar a si mesmo' de amparar os fracos.

Mais ainda: Si se pensar que os exercicios despertam e revelam nossas aptidões e nos encaminham para o desempenho da missão para que nascemos, mais avulsa e se eleva este methodo que aproxima o homem do ser Creator.

Charles Ham, em «The Education Eyes and Hand», diz que a moral é consequencia da organização social e não esta daquella.

O trabalho manual e suas vantagens

Este, como Eislander, Demoulin e Woodward, crê, como eu, ser o trabalho manual não um fim, mas um meio



Grupo Escolar de Pirapora

para a educação geral do moço, de modo a se obter a cultura do espirito e do corpo harmonicamente feita.

Porém, é necessário observar que esta nova educação inclua a antiga, porque fazemos de que se fazia, sómente por meio do largo emprego de ferramentas e materias, com intelligente applicação do desenhio.

Empregando ferramentas que do espirito apprehende nitidamente as relações exteriores; é ainda por meio dellas que o homem, como disse Carlyle: "O homem é a animal que usa ferramentas" delecta as montanhas, perfura as serras; supprime as distancias, estabelecendo relações entre os pontos mais afastados do orbe, pensando e sentindo, ouvindo e transmitindo idéas, em intervallos de segundos; aos seus irmãos antipodicos.

Com ferramentas, que seja o buril ou o camarello, debastando, modelando, contornando, retocando e polindo, cria as maravilhas da estatuaria—Mizuel Angelo; como os pinceis, desenha, colore, anima e eterniza na tela a natureza, arrancando dos nossos corações expressões de admiração intensa—Raphaël.

Na expansibilidade dos vapores e dos gazes, abre os desertos e locomotivas; fende as areas em aeroplanos, galgando abismos; com o submarino, mergulha no seio azul das aguas; e, emfim, com as ferramentas, não ha limites que cerceiem a expansão da intelligencia humana.

Porém, ser, a felicidade, bella da praticabilidade manual na Escola é a formação moral, é a defesa das nossas crenças, e do thesouro animico de fé que trazemos do lar, e que a escola actual, quasi sem discrepância, timbra em nolo-estrassar, infundindo no espirito da infancia a decrepencia e a duvida.

Ninguém pôde queixar-se da dissolução actual dos costumes: É o fructo da Escola sem Deus, é o resultado de se deixar ao léo a formação moral dos jovens, no periodo em que se vasam em novos moldes, seu caracter e sua natureza intima.

Que differença ha de escola a escola, de mestre a mestre! Na escola americana, embora se clame contra a Igreja Catholica, em todo o caso, falla-se em Deus, orienta-se segundo a moral de Christo.

A proposito disso, vem-me á mente, baila-me nos labios este peffido, que lanço á terra minha, de tão gloriosas tradições ethicas:

"Porque se não colla a imagem de Christo nas Escolas?"

Si a temos no Jury, porque não na Escola? No Jury elle lembra ao homem a rectidão de consciencia, a vista, lo maior crime que se commetteu no mundo—a morte de Jesus pela sentença de Pilatos.

Na escola ella lembrará ao professor Christo mestre, Christo o maior educador de todos os tempos. Lembrará ainda que a criança a unica moral que lhe convém é a christi, e que ao professor não lhe é dado, antes é crime, defazer ou apoucar a fé que a criança bebeu no lar materno.

Essa falta de crença, essa falta de fé, que nos enfibia, que nos materializa, que nos affasta do sobrenatural e que se reflecte na falta de escrupulos e na diluição de caracter, é culpa do joven?

Do joven não, mas é da sociedade.

O lar—Escola a Elstandor

Porém, como fazer, como transformar a escola num apparellho de instillação de idéas e sentimento, numa obra de preservação social?

Imaginemos um grande lar, ou, antes, uma fazenda. O fazendeiro distribue aos fillos o serviço e os fiscaliza. Aos mesmos entrega a construção das pás para revolver o café, o concerto das tulpas, uma porta quebrada. Ainda lhes entrega o fuzido do motor paralizado: limpar, brançar, lavar e concertar—uma chaveira, os volantes, as valvulas, etc.

Noutro dia, alguns pintam as paredes; outros raspam, queimam e decoram de novo a propriedade commum.

Mais allem, ainda, os rapazes escolham, arceiam e atrainham animaes aos carros e trollys; ensacem, transportam e expdem café.

Pois, meus amigos, tudo isso, que é a vida de uma fazenda, é a vida naturalmente, como deve ser e será futuramente na escola.

Os homens hto de chegar ao ponto de reconhecer que, empregados ou funcionarios publicos, é perder as possibilidades de ser alguém, e adibir a propria personalidade.

Imaginemos uma creatura fadada a ganhar sempre os mesmos vencimentos, fadada a fazer sempre o mesmo: da casa á reparação e da reparação á casa; ganhando e comendo, para tornar a ganhar o mesmo e gastar homeopaticamente, dia a dia.

Forçosamente alguma coisa precisa ser feita para melhorar, quando não endireitar, este estado de cousas. A chave deste problema, como eu a imagino, é a escola professional, que, na preparação do moço, não deve visar essa ou aquella profissão, deve fazelo operar como operava o paes de familia. Os moços devem ser educados no trabalho para o trabalho, de modo que, sem serem especializados, nestas ou daquella arte, se possam adaptar a todas. Os exercicios são as portas aberturas para a cultura geral, baseando-se os conhecimentos nas inferencias technicas.

Provas

Ha tempos, um amigo, homem de seus 40 annos, esteve fortemente neuroathetico. Phosphato, ferro, clima, banhos, etc., nada adiantava ao enfermo. Lembrou-se, emfim, de consultar o dr. Stapler. Este, após te-lo examinado, bondosamente perguntou-lhe:

- Qual é a sua profissão?
- Funcionario publico, dr.
- Olhe, o sr. tem um quartil, ou quintal?
- Sim, tenho um quintal.
- Pois com uma enxada, faça buracos, plante arvores, semeie, colha flores, vá e volte a pé ao trabalho, que, com uma canisa que sue por dia, lá se vão os males.

E assim foi: trabalhou, suou, cansou-se e os nervos se restabeleceram.

Quanta razão tinha Ramalho Ortigo, quando dizia: Qual cosmoctivel, nem pena cosmoctivel, creado e creado! Fonham-lhe um sacho á mão, que, com a segunda canisa que suar, lá se vão os problemas transcendentis!

O trabalho manual na Escola fa-la um como grande laboratorio de homens.

Entendemos que educar é preparar para o trabalho p-uo trabalho, e, desse modo, ao apresentarmos as series educativas, temos unicamente em vista as condições do trabalho no passado, afim de facilitá-las no presente, garantindo a sua perfeita execução no futuro, isto é, educar para construir, e não construir para educar.

A natureza do alumno, o seu caracter, a sua alma, a sua individualidade, emfim, tudo é estudado, variando por isso o nosso programma de individuo para individuo, visando, como dissemos, o lar seguro e feliz.

A adaptação á autoridade do mestre (o paes) e amor aos seus seminaes; o respeito pelo bem da collectividade, tudo o lra levando ao altruismo, ao desapego e ao desprendimento, para a organização da familia e o bem da sociedade, o que só se consegue educando em expressão propria e a expressão dos instinctos.

O trabalho manual é o centro da vida escolar e todas as demais disciplinas lhe gravitam em torno.

Aqui, em nossa escola, ainda estamos experimentando modificar a vida social do alumno pela vida escolar, o que dá ao nosso problema uma vasta importancia philosophica.

Na educação do espirito e do corpo, pelo exercicio manual e intellectual, combinados, este apollado naquelle, procuramos fazer na escola a evolução do proprio ser, a nova educação, que é o centro da futura democracia.

Hesitação dos moços

Os moços da nossa sociedade, de origem brasileira, ao rahrem dos grepos escolares, ficam attonitos; não sabem que rumo tomar.

Os bordos, vão, dia aqui, dia ali, por esta costa d'África da vida, como disse um poeta, sem adaptação, experimentando um caminho hoje, para deixal-o amanhã, até serem surprehendidos com a chamada á vida das responsabilidades.

Quanto aos fillos dos estrangeiros, o caso muda de figura, devido á educação de que os paes são portadores— a educação utilitaria.

Synthetizada no adagio "quem tem officio tem beneficio", os paes, assim que os rapazes saem dos grupos, dão-lhes logo o mestre de officina, o patrão. E, aos poucos, vagarosamente, mas sempre subindo de salario, chegam a ser officias do officio, contra-mestres, patões, indústrias, senhores cavallegas de escola, o moço brasileiro, vegetal e soffre as consequências da má orientação na vida.

Grande numero de homens tendem ao celibato porque não têm a coragem de sustentar familia, sentem-se incapazes de ganhar dinheiro.

Quasi todo operario é casado, porque o operario não tem medo; sabe que em toda a parte onde chegar elle poderá trocar sua habilidade professional por dinheiro. Repito a escola de Carlyle, porque ella exprime uma verdade: "Si sabes usar ferramentas, vales tudo; si não sabes usar ferramentas, não vales nada".

Isto é uma pura verdade. Si se mudasse a ordem social das cousas repentinamente, nós de profissões liberas, ficaríamos como ficaram aquellos nobres russos, a ponto de serem varredores de ruas. Os marceneiros, os carpinteiros, os mechanicos, os pintores—esses haviam de ri-se de nós porque o seu trabalho é a linguagem universal e lhes assegura collocação em qualquer parte onde se encontrem.

O japonéz come de fraz para deante, e creve da direita para a esquerda, pista de baixo para cima, não pronuncia uma palavra de portuguez, mas ganha 105000 por dia. Nôse—se nos transportamos para o Japão, morreríamos de fome.

A nossa intelligencia não nos prepara para a vida como ella é actualmente, mas sim como era ha um seculo atrás. Em geral, entre nós, cuida-se apenas de abarrotar o cerebro de conhecimentos que não têm applicação pratica; trata-se sómente de empinar o cerebro como si essa fosse a noza misso. Longe disso, pouco se pensa em educação, é formar o caracter e a instrução é um meio de que nos servimos para attingir esse fim.

No Interior

Ainda aqui, em São Paulo, ou mesmo em Santos, a falta de educação professional, a ausencia da escola technica, não se faz sentir tão prementemente como no interior do Estado. É uma lastima!

Quem de nós não conhece uma cidade do interior? Os moços, ao sahirem dos grupos escolares procuram collocação no commercio da aldeia; não acham, porque, dizem os negociantes, "eu mesmo faço os meus embulhos".

As estações de estrada de ferro, se lá, andam repletas de praticantes de telegraphista, a 80000 na camera ha gente que negocia, e complementa o que lá levou alguma a dizer que os fiscaes são feitos para recolher a renda e esta para pagar os fiscaes.

Por fim, vivem os moços ao léo, aqui e alli, apprendendo o victor, dormindo demais, ou, o que é communissimo, empregando-se em occupações humilissimas, que mal dão para comer.

Se os moços brasileiros vão ser bacharéis, é porque não têm outro caminho para o emprego da sua actividade; e, até nisso, dão provas das boas qualidades da nossa gente, pois, em vez de se fazerem vadios ou baloteiros, vão em busca de um diploma, positivamente bem mais difficil de conseguir que, em 3 annos, ou menos, ser um bom operario mecharico ou marceneiro.

A culpa é da nossa organização social, da falta de utilitarismo do sistema de educação que lhes não dá escolas próprias da sua actividade.

A culpa é do nosso sistema de educação, evadida de sómente sobrecarregar a memoria de lidas nocivas e indigestas theorias, podendo-se aqui applicar o preceito de hygiene— não é a quantidade que se absorve que faz bem e nos fortalece, mas o pouco que se digere.

Educando rãto, encaminhando desde os primeiros annos o homem para o trabalho, se chega a esta profunda verdade: Deus, condemnando o homem ao trabalho, para retribuir, estudante dvogado, jornalista, conselheiro de Estado e presidente da Republica Americana.

Desde o electron até o Universo, em tudo, as leis do trabalho imperam e salutarmente cooperam para a eterna evolução, para o eterno aperfeiçoamento, para o Bem Ultimo.

O caracter

Dois effectos immediatos acaerão a este sistema de educação—o desenvolvimento das facultades, ou aptidões e a formação do caracter.

Estas vantagens são de todo indiscutíveis, pois o moço, que não tem boa occupação, busca e encontra a má.

Quem não se os paes, muitas vezes, que os fillos, aos 14 e 15 annos, já não se importam com os livros, procuram sensações fortes, fumam, e, aos poucos, decaem na saúde e na moral. Ora, cansando sufficientemente o corpo, com um trabalho útil, o moço fatalmente tem um somno reparador, levanta-se mais bem disposto e a sua natureza se torna mais forte, mais vigorosa.

Quanto á moral, entao, o campo e os resultados são vastissimos. O moço que começa uma construção, pensa, delibera, raciocina e conclue.

Esta gymnastica dá um resultado moral elevado, porque, como bem tendes visto, onde mais elevado é o trabalho, mais alta é a moralidade e mais dignas as normas de vida.

O optimismo

Por que não nos convencemos de que a escola acrycola as almas?

E ahí que se molda o caracter, porque, além do exemplo do mestre, de sua acção e da tendencia do joven em imitá-lo tudo exerce acção educativa no periodo de maior plasticidade humana, em que se molda o caracter da criança e se solidificam as impressões da vida. Neste periodo a escola e o mestre devem ser fundamentalmente optimistas.

O mestre não pôde e não deve, de modo algum, lancar da vida, da critica moralizadora contra os credos e as tendencias christãs que elle traz do lar.

Essas crianças são um thesouro formidavel de fé e de esperança; ellas são a centellas do Bem que brilha n'alma, que o ha de guiar na vida, na pratica de caridade, no respeito de tudo quanto é nobre.

Mata-las, é lançar o fogo do exterminio ás idéas generosas; é tornar arido, pela decrepencia e pela duvida, um coração repleto de bondade, um coração voltado á Esperança.

Amordecemos as nossas decoreações; afivelemos a mascara da alegria, do valor, da esperança, da fé e do optimismo, para que o joven tenha animo, tenha coragem, tenha esperança e confiança no futuro, o seu valor pessoal.

Fara que destrua essa enorme riqueza, que nós não seremos capazes de dar! É que valor tem o optimismo! Que poder extraordinario dá a fé!

Quem se apolia na esperança sincera, agrada, conquista e vence.

Abri caminho! É um livro que recomendo aos paes e a todos que querem, mais a sua educação; aos paes e a todos que perderam o optimismo; aos que não tem fé.

Neste livro, o autor, Orice Sweet Warden, cujas obras servem de livros de leitura no Japão, que, em um anno, tirou 28.000 exemplares só desta, nos mostra o successo dos grandes vencedores na lucta pela vida em sua Patria, e como foi para exemplo por não querer ferir susceptibilidades.

Todos, sem excepção, partiram dos portos mais humilissimos, das maiores privações e attingiram as maximas posições e o mais alto coroll social.

Rockefeller, o generoso diarista a archi-millionario, grande benefactor da humanidade; Morgan, o operario pauperimo, o rico, o donador de fortunas; Edison, vendedor de jornaes, sabio, nabo, senhor potente da electricidade; Armstrong, que atravessou o oceano americano a pé, com um sacco ás costas, operario, grande industrial, multimillionario.

Não tenho menos autor para a prova que Abraham Lincoln, o sociologo, que se tornou de conselheiro de estado, operario, estudante dvogado, jornalista, conselheiro de Estado e presidente da Republica Americana.



Grupol Escolar «Moreira Brandão», Jaguary



Por aqui se vê que não ha prover sem provar: todos subiram, enriqueceram, mas foi com o trabalho e pel escola da adversidade.

Voltemos a pagina; pensemos aqui mesmo em nosso meio. Olhemos para estes palacios, são de grandes industrias; olhemos estes bellos parques, automoveis, casas de praia, tudo, ou quasi tudo, é dos que partiram das posições humildes, é dos que com fé e trabalho conseguiram vencer e se impôr.

A sorte, a fortuna, a prosperidade, a dita, a riqueza, o talento, a virtude, o poder, a fama, o exito, todas essas forças positivas do homem não estão, como creem muitos, fóra dos limites da possibilidade de qualquer um.

A questão é applicarmos firmemente os meios para despartal-as ou adquiril-as.

Sem esse exercicio, que o optimismo cria e anima, o homem é empolgado pela duvida, e surge, então, o desalento, o pessimismo, a vacillação, a timidez, a tizeb, o acanhamento e a descrença, forças negativas, que fazem mais victimas que todas as prepotencias, como disse E. Root, como causa do fracasso dos homens.

Um meu amigo, joven muito talentoso, cujos olhos mostram vigor, a tempera de ago de sua alma, deu, a minha vista, certa vez, uma lição de optimismo:

—Seu Cyro, isto é «tietatura»!
—Seu Fulano, não diga esta palavra! Só pronuncia-la, é nos indispôr, é desalentar-nos.
—O sr. tem razão; nem mais lhe de pronuncia-la, disse o Fulano.

E assim foi: Insistiu, trabalhou, luctou, e, finalmente, vencedor, foi proccurar o bom Cyro de Freitas Valle, para dizer-lhe:

O sr. tinha razão, o que eu julgava «tietatura» era simplesmente falta de vigor e impropriedade de meios por mim empregados.

A proposito da orientação optimista dos nossos jovens, cabe-me relatar, por que a «humanidade é sempre a mesma», que em geral, os moços se encontram nas mesmas condições em que me encontrei aos 20 annos.

Frei Sylvério foi um espirito superior — Elle exerceu na formação do seu caracter preponderancia tal que jamais o tempo apagou.

Jámais apagou, e não apagará, porque, quanto mais os annos distanciam os factos, mais elle cresce em meu espirito: «os heróis, ao contrario das estatuas, crescem quanto mais delles nós afastamos!» Carlyle.

Ahi, no velho convento dos Franciscanos foi onde o conheci.

Orçava elle então pelos 60 annos, seculos são os annos dos que olham a vida como um dezredo; eu contava 20 estroinices, cada anno do joven é uma «trouice continua».

Na Escola Normal de então, talvez hoje ainda em muitas, era chic, era «smart», ser-se moderno. Os professores não perdiam occasião de fazer propaganda de seus credos. Nós, jovens, sem maturidade de espirito, eramos como garrafas varias, prontas a serem cheias de qualquer liquido, fosse ou não bôa a doutrina: uns, sectarios de A. Comte, ou do prof. X., de mathematica; outros, positivistas, com F., ou materialistas, com B., mas, enfim, grupos de sectarios, praticantes e não praticantes, doutrinando, demolindo tudo na ancia de nós

mostramos «chicos», todos «empenhados» em «atacar» principalmente a Jesus, victima escolhida pelas reitencias dos tolerantes positivistas, excluido sempre das conclusões scientificas dos materialistas.

Augusto Comte, philosophia primeira; systematizao da sciencia; Buchner, força e materia; Heckel, Sciencia e Religiao; tudo foi material que devoramos, tudo foi lido de um jeito, sofregadamente, indigestamente.

Que desejos tinha em então de polemizar. Era o fructo daquelle ensino, do pseudo ensino leigo; era a consequencia da observancia da neutralidade dos cultos, que queria significar: Foi nesse periodo que conheci a Frei Sylvério casualmente.

No Largo da Liberdade, inaugurava-se a casa do velho Comendador Faria e elle foi abenço-a.

Lá estive, de lá acompanhei-o ao convento.

Conversámos.

Elle me ouviu bondosamente. Deixou que se me extravasasse aquella corrente de factos concretos, axiomas, leis, etc., e, por fim, num gesto paternal, perguntou-me: conheces a moral christã?

—Não.

E' isso: ainda nada conheces, nada sabes, e já tens o espirito repleto de doutrinas mentirosas, de cousas inuteis.

E lá foi, cabeça baixa, vagarosamente...

Não voltei sinão daí a muitos dias.

Entri. O velho portão de pau pintado de azul, com uma enorme taranella de ferro, corroida pelo tempo e desengonçada, estava apenas cerrado.

Frei Sylvério, sentado no topo da escada, que dava para o jardim, fez-me signal para que eu me sentasse perto dele, o que fiz, e nós degramos abaixo.

Remendava. A linha e a agulha não estavam dispostas, naquelle dia, a segurar os pedaços de panno: embaraçavam-se. Elle, pacherrotamente, esticava o fio, encolhia a manga, e sorria.

Ahi, calmamente, expoz doutrinas philosophicas: comparou, deduziu, esmiuçou, com rigor de analysta, mostrando-me, superiormente, como tudo é falho, desde as leis phisicas, que o radio contraria, até a classificacao de illogica, por Stuart Mill, á doutrina positivista, passando pelas mentiras de Heckel, e contestações de Virchow.

Quiz fallar-lhe; mas, talvez por timidez, talvez, porque o seu exemplo e a sua austeridade m'o impedissem, eu não enunciaei o fim que me levava.

Em frente a nós, num canteiro de malvas, dois tico-ticos rinhavam: affastavam-se aos pulinhos, azas cahidas, rabo em leque.

Erguiam-se num pequeno pulo-vo e chocavam-se no ar, peito a peito; garra a garra, para cahirem depois, mudos, cansadinhos.

O frade levantou-se. Foi até um canteiro e concertou uma roseira. Os seus movimentos espantaram os brigiços, que fugiram para um arbusto.

Levantei-me tambem para pegar o meu chapéo, que ficára sobre o beiral do pogo.

Voltei-me: a ir despidir-me, quando, um dos tico-ticos, descendo da arvore, pousou sobre a costura do frade e, estou-

vadamente, empurrou o novello de linha, que rolou pela escada; preto como estava á costura, deixou um fio longo, e foi cahir numa poça d'agua.

Frei Sylvério abalou-se, pegou o novello, e limpando-o na manga, disse: Vossos mestres, joven, são como os passáros; desmancham-nos a costura e pouco se importam com o destino do novello. E atalhou: A culpa é de quem deixa o novello e a costura no chão...

Esse facto foi concludente. Procurei estudar e comparar as varias doutrinas de que me tinham enfiado e me deixaram sceptico.

Cortei-lhe-as; expurguei-o que me não convinha; e, aos poucos, cheguei a raciocinar por mim e a ver o mal que me tinham feito com a duvida e o scepticismo lançado em meu espirito.

Era um velho aos 20 annos!

Que se deve fazer do moço

Penso que se a questo fosse tão sómente fazer o operario, ou dar-lhe a memoria da execução de uns tantos trabalhos ou exercicios, para atraí-lo depois á fogueira das fabricas e uzina, como quem atea lenha ou outro qualquer material de somenos valor, talvez eu concordasse; si no Estado houvesse esta ridicula missão de predestinar os moços para este ou aquelle officio, eu diria ser melhor que tal tarefa coubesse ás fabricas e officinas, porque, além de nos evitar a vergonha dessa missão, indubitavelmente, a cultura tal servio: as escolas profissionais não teriam razão de ser.

Sou contrario á especializacao. Acho que a educação profissional deve dar hábitos de trabalho. Exercitar a intelligencia por meio de qualquer arte, seja qual o alumno tenha pendor, dando-lhe, pelos melhores processos de economia do tempo e do bom emprego da sua actividade, uma noção exacta da elaboração geral por que passa a materia prima dessa arte.

Isso, que não é o fim, é o meio de que nos devemos servir para a completa educação do moço, educação essa que não é automática, mas que, ao revez, preparará seres aptos, dignos, fortes, moralizados e capazes de modificar as condições de vida em que tenham nascido e fundar ou abrir novas eras de prosperidade para si e para a sociedade.

A especializacao, que é o determinismo industrial, ou antes, o capteivoro do homem á fabrica, á industria, acarreta legiões de desesperados, que, faticantemente, aspiram subir, para si e para a sua familia os gosos dos bom aquinhoados, mas que se sentem amarrados pela impreparação, pelo «só servimos para isto», como dizem, desanimados e olhando raiivosos para o ramêrro de todos os dias.

Disso surgem as blasphemias, as revoltas e os governos demagogicos, de que as Russias são o triste exemplo.

A orientação que o alumno deve praticar nas varias officinas onde a materia prima de sua arte sofre elaborações, e, mais ainda a pratica que elle obtém nessas modalidades de forma por que passa o objecto, em construcção, é a garantia segura contra a mechanizacao das profissões manuaes, que, dia a dia, mais e mais o «labor saving», dispensando a co-operação do homem, ou a participação do operario.

Ha pouco tempo tive occasião de ver uma machina americana para copiar estatuas. Muniada de um dispositivo especial, especie de pantograph, onde, collocado o modelo, se marcam os principios pontos, como se usa em esculptura, em outro local da mesma machina, collocado um bloco de marmore, ou madeira, e posto em movimento o appareho, reproduz, em alguns minutos uma estatua tão perfeita qua o modelo, cujo valor de máo de obra é nullo.

Assim, em nosso mercado, por preços infimos, podemos adquirir objectos de arte—até como a firma de esculptores de nomeada sem mais trabalho que collocar e tirar blocos de pedra.

Já me não refiro ás machinas de entalhar, tão em uso nos Estados Unidos, como diz H. Buyser, ás machinas de compôr, linotypos, que causaram entre nós tanta miseria, com a despenza, em pouco tempo, de milhares de compositores; ás prensas, que baniram, em massas, os funditeiros; ás machinas para a preparação da madeira e suas affins para o ferro, onde o operario se limita a entregar a materia prima e a recebe-la elaborada.

Essa foi a razão primordial que nos levou a adoptar o sistema de educação technica-integral, porque, além da van-

tagem que tem o moço egresso de se aperieçoar em qualquer ramo de sua arte, e, em caso de necessidade, deslocar-se sem grande esforço, de um para outro ramo de sua profissáo, onde a sua adaptáo está assegurada, favorece a cultura e o desenvolvimento do espirito.

Preparar o operario, para que seja o melhor operario, preparar um nucleo forte de bons trabalhadores, que sejam os detentores das boas normas do trabalho e da technica perfeita, é pelo menos agora, uma campanha justificada e louvavel.

Quando o Brasil, particularmente o Estado de S. Paulo, chegar ao desenvolvimento dos vellos paizes, e mesmo de alguns novos, que tem excesso de população, onde se justifica a especializacao, pela lucta de produzir muito, embora se transfira o homem em animal de carga, ainda nessa época, a accáo defensiva da Escola Profissional, terá sempre influencia energica na direcção geral das industrias e no bem estar das classes laboriosas.

Todavia, se não bastassem essas razões, avultaria ainda o habito de trabalho, as energias despertadas e o sentimento de confiança propria, de tenacidade e ambição de vencer, que mostram os aprendizes, para testemunhar o valor e a oportunidade desse sistema de educação popular, que, segundo o nosso exemplo, foi adoptado no Rio de Janeiro pela reforma Sodré e tem dado os melhores resultados.

Tem-se observado a esse respeito, que o alumno, uma vez adquirida a pratica sufficiente para interpretar o desenho e representá-lo com alguns conhecimentos dos calculos para a abertura de roscas, abandona a escola, e, em pouco tempo, attinge elevados salarios, tornando-se operario completo.

A formação do «homem medio», da classe produz, e exige a cultura do espirito e a habitação para o trabalho. Essa deve ser a missão do Estado.

Novo rumo

Hoje, que um novo surto de esplendor e grandeza de processos empolga o professor; que o ensino verbalista cedeu lugar ao ensino-experencia; que os alumnos como que redescobrem as leis phisicas e inferem, pelo proprio esforço, deduzido e tirando illoções; enfim, quando o alumno é actor e não auditor, não é mais cabivel ás escolas profissionais darem para guias da mocidade trabalhadora esses mestres vindos das mais baixas camadas sociais, pensando e agindo sem ideaes, exercendo um pernicioso exemplo, desviando os moços e os contentando com os males de que são portadores.

Si a missão das escolas profissionais é isto; si ellas tem por objectivo a formação de homens machinas, melhor será um certo numero de menores, e façam do filho do ferro um ferreiro, do filho do planista outro planista, da filha da costureira uma costureira, novo estado de escravos dessa gleba dilatada que é a industria entre nós.

Não; ella tem de educar pelo trabalho, para o trabalho, despertando no espirito dos moços os nobres ideaes da propria perfeição, o desejo, a ancia de subir, de attingir a todas as posições, por mais elevadas que sejam, embora não os atinjam nunca, mas caminhando de degráo em degráo na escada da propria evolução, evitando a paralytisação morna e esmagada da mediocridade, dos que se limitam ás accommodações invariaveis.

Ter ideias proprias é ser alguém, é ser homem, é ser original.

(Ingñieros).

Pensar com proprio cerebro, agir de accordó com a propria individualidade, é erguer-se, é dar um cunho proprio e fóra da communis a sociedade e á Patria, que vale pela qualidade de seus filios.

Se vallesse a quantidade de «jecas», qual seria a nccsa posição no continente americano! Mas, em verdade, só os que tem ideias, só os que aspiram ascender, essa meia duzia dos que pensam, é que arrasta e levanta a massa dos que pensam e sentem com o cerebro e os nervos atreitos.

Essa é a razão do operario-cerebro ao invés do operario-machina.

Não ha nada de illogico no que acabamos de affirmar; mas, sendo a accáo reflexiva do homem em que existis, não podemos, de um momento para outro, romper com o equilibrio

estabelecido, e, por isso, a nossa acção é algo morosa, mal profundamente remodeladora.

Nossa tarefa na reparação do homem médio, que não é synonymo de mediocridade, tem de ser energica, mas ponderada e gradativamente remodeladora.

Essa é a acção que mantemos ha de agora, embora combatidos por todos os modos, como é natural, numa sociedade, que, infelizmente, fórma este conceito geral sobre o operário: «o homem que deve trabalhar braçalmente, e que, para isso, não precisa saber ler nem escrever».

Se em nosso meio, ainda predomina a mediocridade industrial, profissional e burocrática, como quer que essa camada, que sempre se oppoz, pela força atávica da conservação do passado, accommodatícia e oppressora ás novas idéas e aos surtos imaginativos, que só vê o que passou e anteve o futuro, nos recobesse sem hostilidade?

Disse-me de uma feita um alto funcionario federal: «Para que exigir dos candidatos ao curso profissional que saibam ler e escrever? Então os analfabetos não podem ser operários?»

—Sim, podem, empiricamente. Mas, esses intellectes serão sempre uns serventes de machinas, incapazes de acompanhar os processos de evolução do trabalho, desconhecendo a economia do material e ficando estacionarios, sem fazer mais nada do que aquillo que aprenderam.

Hoje que, para o simples detodbro de uma prancha, ou de um tóro, ha regras geometricas, que ensinam aproveitá-los completamente, sem que nada se perca, vemos, como temos observado em nosso meio em tal serviço, perderem os operários enorme quantidade de madeira; para a cravação de uma cadeira, sobraem kilos de rebites, para o enrolamento de um cylindro, perderem larga copia de chapas, encarecendo o trabalho e diminuindo o valor da mão de obra.

Não, absolutamente. Ou novas fórmas são adoptadas na educação do operário, ou, de uma vez para sempre, se fecham as escolas e adopte-se a pratica e, a orientação do «Conseil du Travail», de Paris, que distribue, fiscaliza, orienta e auxilia a diffusão do ensino profissional, pagando as famílias dos mestres, que se recomendem pela sua competencia e honestidade, para terem em sua companhia, como filhos, moças e moços, que se destinem ás profissões manuaes.

Ainda mais, pelo projecto de Mr. Villemain, na Chambre de Commerces, tal ensino, que foi classificado como o *anico meio de progresso e evolução das nações*, é adoptado pelas municipalidades, corporações e syndicatos de trabalho em toda a França, porque esse paiz, tão duramente experimentado pelas vicissitudes da guerra e outras probas sociais, que nós ainda não conhecemos, mas que para lá caminhamos rapidamente, acordou e sentiu a verdade emanada das patrióticas palavras de Mr. George Blondel em seu livro «Essor industrial et commercial du peuple allemand».

«Verrons nous le emade in germany» envahir tous les pays du monde?

Cela dependra des moyens que la courance internationale mettre en œuvre pour cette invasion. Mais en ce qui concerne notre Patrie, nous ne saurions trop répéter que, á l'exemple de ce qui c'est fait ailleurs, il faut changer le point d'honneur et orienter la jeunesse vers les carrières commerciales et industrielles, où elle trouvera de plus en plus consideration et profit.

Le développement de l'enseignement technique peut contribuer, ici á l'avoir r, lá á créer un nouvel état d'esprit.

L'Allemagne l'a compris; elle a couragement unis ses institutions scolaires en harmonie avec les necessities sociales.

Pourquoi, sans la copier servilement, et tout en respectant le génie de notre race, ne nous inspirons pas de ses leçons?

Não é o caso do Brasil, na America do Sul, onde outras nações vizinhas contam, só em suas capitales, dezenas de cursos profissionais mecanicos, magnificas escolas de perca, de apicultura, de artes, cultivos, productos, como os artefactos para moveis, já nos são exportados?

Na propria Alemanha, como nos diz Van der Coelt os novos methodos de trabalho estão sendo empregados, e a nova educação — sem especializar, ganha terreno dia a dia.

Então não é a mecanização das industrias é um facto indiscutível. Muito breve a mão de obra terá desaparecido; ás machinas caberá a execução integral, e, então, só aquelles que tiverem habetes de trabalho, de inventiva, de adaptação,

de tenacidade, de paciencia e confiança propria, que só se adquirem com o sistema de educação manual e intellectual harmonicamente feitos, serão os vencedores.

A' escola não cabe fazer ferreiros ou carpinteiros. A ella, merec de Deus, está destinada missão mais alta.

Dissemos, mostramos o que fizemos, e o que ainda temos a fazer, pensando nas estrophas admiráveis de um grande espirito creador:

Vós que hoje colheis, por esses campos largos,
O doce fructo e a flor,
Acaso esquecereis os asperos e amargos
Tempos do sementeador?

O' Paulos do sertão! Que dia e que batalha!
Vençeste-lhe; e podes
Entre as dobras dormir da secular mortalha.
Viveres, viveres...

O trabalho de hoje, como o de hontem, está lucta, onde o que menos se ganha é a saúde, não cessará jamais. Agora ha de ir e irá sempre em frente, porque ella representa a victoria da razão sobre os velhos preconceitos da escola antiga, que fazia do educando um ser estúpido e incapaz. Trabalhar é ascender para a propria perfeição.

III

O trabalho manual na formação civica dos jovens

Sr. Director Geral da Instrução Publica.—Sr. Director da Escola Normal.—Meus Senhores.—Minhas collegaes

Hontem não tive tempo de lhes dar uma explicação sobre a systematização do trabalho em nossa escola; hoje, rapidamente, pretendo faz-lo.

Temos (mostrando) a Escola Profissional dividida em 3 grupos technicos ou tres series: a serie metal, a serie madeira e a serie tinta.

Na serie metal, no 1º anno, o alumno faz seis mezes de Stroj. Não é o Stroj puramente educativo: eu o denominei Stroj paulista porque participa do Stroj social e tem alguma finalidade industrial, de maneira que elle parte daquelle primeiro trabalho que lá está (mostrando)—curvatura a frio, depois enrolamento a quente, seguem-se as punções e varias ferramentas do officio, em ordem gradativa de difficuldades.

Essas ferramentas, no fim do curso, a Escola offerece ao alumno como premio, e para facilitar mais tarde o seu ingresso na pequena industria.

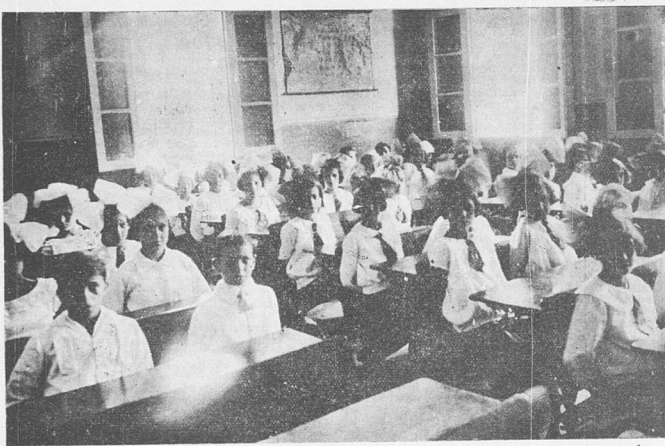
Com isso elle inicia o trabalho nas series adelantadas; e, se por acaso saê da Escola antes do cyclo educacional, essas mesmas ferramentas lhe facilitam a collocação em qualquer officina mechanica e lhe garantem immediatamente um salario mais ou menos compensador.

Passa o alumno da serie fria para a fundição — moldagem sem machos ou, simplesmente, estampa; depois passa para trabalhos em que se collocam machos, trabalhos simples, mas que lhe dê uma noção, afim de que se habilite a, em qualquer occasião, concertar uma ferramenta que tenha uma peça fundida; e se mais tarde quizer seguir á industria, no ramo de fundição, já tem a adaptação garantida, porque, em sua preparação technica, possui já elementos basicos que asseguram sua estabilidade profissional.

O que ha de mais interessante é que o material todo é mineiro: é ferro da Usina e esperança que gastamos em S. Paulo. E' um material esplendido. Preferimo-lo ao material inglés, que hoje regula custar um dinheiro, e, como a technica moderna, em nada lhe é inferior.

O material mineiro, se bem que interessante é que, no fim do curso, ha alumnos nos facilita o trabalho e tem a vantagem de ser nosso.

Terminado o 1º anno, já os alumnos estão aptos para ganhar a vida, sendo então providos para a serie propriamente profissional. Fazem em um anno, esse, e trabalham todo que vêm aqui (mostrando): partem da regua, depois, juntando 2



Grupo Escolar «Affonso Penna» — Aula de geographia

regua, formam o esquadro, depois o compasso de ponta e vão subindo numa serieção technica de difficuldades, passando pela ajustagem de angulos, triangulos, reitrançias, chavetas, conjuntamente com os exercitios de tornos, até attingirem ás construçoes de maior vulto e ferramentas elaboradas como nas industrias mechanicas.

Como não temos machinas que dêem para todos os alumnos, dividimo-os por turnos: 30 alumnos vão para as bancadas, 30 para os tornos; no fim do mez todos os dos tornos passam para as bancadas, todos das bancadas para os tornos. Assim, ao cabo de tres annos, formamos, como temos minimo 6500 por dia; muitos 8800, e até 10300, sendo comunitissimos salarios de 125000 e 135000 diarios.

A serie metal, como todas as demais series technicas, ou cursos, é baseada: no estudo do desenho profissional, modelagem, mathematica, portuguez, physica e chimica — o que constitue a parte theorica propriamente dita.

No estudo de chimica nós introduzimos uma pequena variação: damos a cada alumno um laboratorio, e, nesse laboratorio, tudo o que é necessario para que o alumno estude o que ha de fundamental na Chimica. Levamo-lo desde logo a fazer reacções, e depois de um curso seleccionado, fazemos a applicação da chimica nas operações mais comestinas da profissão: substancias para caldear, extracção de oleos, exames de agua, etc., até á chimica industrial: sabonetes, sapoleos, pastas para dentes, graxas, oleos, velas — tudo isso feito sem preocupação de fazer-lhes fabricantes dessas cousas, mas com o fito de mostrar-lhes o que ha de interessante e campo da chimica experimental, para criar-lhes habitos de analyse e de observação.

Essa orientação, seguida no curso de chimica, adoptamo-la tambem no de escultura, visando os mesmos fins educativos. É o interessante é que, no fim do curso, ha alumnos que, sendo mecanicos ou marceneiros, são habilissimos esculptores. Muitos, antes de deixarem a Escola, já trabalham como esculptores nas fabricas de estatuas e nas obras publicas.

Quanto á serie madeira, hontem já vos dei explicações do Stroj applicado. Nós seguimos os exercitios fundamentais adoptados pelos Congressos de Trabalho; fazemos estudos de de torno, passando desde as peças simples ás combinações destes 12 exercitios (mostrando), formando-se logo trabalhos utilitarios, que vendemos e que nos dão enorme renda, participando o alumno dos lucros escolares.

Todos os alumnos têm uma caderneta na qual creditamos suas rendas. Ha alguns que no fim do anno recebem... 3035000; outros 2068000; outros 1505000, além do ganho mensal, que lhes paga o Estado.

Com esse dinheiro, instituímos o imposto social. Todo alumno paga esse imposto; e, com essa renda, mantemos o gabinete dentario, o curso de chimica, a inspecção medica, distribuímos premios, merendas, roupas e até viagens áquelles que ficam doentes. Alguns que ficaram tuberculosos — uns 2 casos — mandamo-los para Campos do Jordão com a renda da nossa instituição escolar facilitando-lhes passagens, medicamentos e medico.

Isso é o que os americanos chamam «Republica Escolar». O Presidente da Republica, o Secretario do Interior, o Secretario das Finanças, o Secretario da Justiça, o Chefe de Policia, todos são alumnos que exercem suas funções sem intererência do Director: fazem eleições; administram a Caixa Escolar, ajudam a disciplina e não me dão trabalho algum com punições e castigos.

A serie «tinta», o curso de decoração, faz parte do 2º e 3º anno. No 1º anno é de desenho commum, ou desenho do natural, com applicações simples.

O nosso professor, aliás um artista distincto, emprega o processo natural, no 1º anno, quasi em absoluto.

Assim que o alumno aprende e tem a vista educada para a certeza dos traços, para a leitura da forma, começa a executar trabalhos nas paredes: decorações proprias para casas de família, para escolas, para o commercio e a industria — letreiros, cartazes, etc.



Pessoal do Grupo Escolar «D. Pedro II» em excursão no Aprendizado «Barão de Camargos», no dia 13 de Maio de 1925—Nas janelas do prédio estão os alumnos deste estabelecimento agrícola—Ouro Preto

O caracter

Vejamos succintamente um facto: A, é filho de uma familia mediamente abastada.

Na idade propria, entra para uma escola publica. Percorre o cyclo de ensino e sae, após 3 ou 4 annos de estudo.

Conhece uma multidão de regras e cousas inapplicaveis, ou que não lhe serviram de nada, por ser tudo verbalismo puro. O moço, como acontece sempre, cheio de boa vontade, deseja trabalhar, mas falta-lhe a adaptacao para o trabalho, falta-lhe a solidez dos estudos, porque, ou esqueceu, desappareceu, ou não sabe como se servir delle. Desanimado, prenda, ou não sabe como ser servido delle. Desanimado, prenda, ou não sabe como ser servido delle. Desanimado, prenda, ou não sabe como ser servido delle.

Conhece uma multidão de regras e cousas inapplicaveis, ou que não lhe serviram de nada, por ser tudo verbalismo puro. O moço, como acontece sempre, cheio de boa vontade, deseja trabalhar, mas falta-lhe a adaptacao para o trabalho, falta-lhe a solidez dos estudos, porque, ou esqueceu, desappareceu, ou não sabe como se servir delle. Desanimado, prenda, ou não sabe como ser servido delle. Desanimado, prenda, ou não sabe como ser servido delle.

Noutros casos, o moço, intelligente, sae da escola commum, entra para o curso de preparatorios, rapido e electrico, arranja-se, matricula-se numa Faculdade e é o sr. Bacharel, no fim de alguns annos.

Conversemos com um moço: A: «Não sei que falta de sorte me trouxe a esta reparação. O Chete é um tigre», não me dá nem tempo de escavar um augmento de ordenado. Não me deixa sair e eu não posso ganhar por fora. Antes eu fosse um operario.

Sabe, e me bate no hombro, assim com ares de quem já se sente nos ultimos quartéis da vida, o Fulano, aquelle nosso collega, aquelle cabeça dura, que vivia a brincar com caixinhas de phosphoros, no grupo escolar, Fulano, se fez carpinteiro.

Trabalhou alli no Fioravanti; comprou uns bancos, umas machinas, metteu operarios, e hoje está rico. Encontrei-o numa «baratinha», e eu aqui estou amarrado a isso, e a tira com um officio sobre a mesa!

Dr. L., o bacharel, fez carreira. E' intelligente, bem collocado.

Disse-me um dia: Qual isto não vale! E' o dia inteiro a correr do escriptorio para o Forum, do Forum para o escriptorio. Obrigados venes, representações, compromissos, etc. E se dissesse que isto dava para tudo, vá; mas, com franqueza, ganho o bastante para viver, não posso guardar um pouco para os filhos, nem para a velhice.

Será culpa delles? Delles, não, mas da sociedade. Eis a razão porque se deve criar o *Habito de Fazer*.

Essa é a opinião de Baldwin; e, inequivocamente, é o que vemos diariamente entre nós, e que o Romance de George Ohnet «O Grande Industrial» nos mostra.

Voltemos ao menino das caixas de phosphoros. O fulano era o que se chama em linguagem escolar um indisciplinado.

Nos bancos, não ficava de braços cruzados, olhar á fazer a louza, brincando de silencio.

Pelo contrario, tinha sempre nos bolsos, grãos de milho e de feijões de cores; figurinhas e outras bugigangas para trocar e vender.

Activo, de uma actividade assombrosa, dizia-nos sempre que preferia levar uma surra diaria a ficar quieto, sentando uma hora.

Aos poucos foi galgando os annos, até que o perdi de vista. Muito tempo depois, soube que elle era empregado das officinas do antigo industrial Francisco Amaro, o seo Chico Amaro, como se dizia naquelles priscos tempos, em que elle fornecia essa maravilhas mechanicas—arcos, columnas, pontes, trilhos, vagonetes, etc.

Ahi, com seo Amaro, o meu ex-collega arranjou um pequeno capital, montou uma fundição, abriu annexo uma serra-

ria, desenvolveu os negocios, augmentou, desdobrou, e, hoje, rico, feliz, é um dos maiores industrias desta praça.

Toda essa felicidade, tudo isso, adveio dos habitos de trabalho, da iniciativa, tudo isso, adveio da confiança propria, que só a educação pelo trabalho pôde desenvolver e criar.

Eu digo pôde criar, porque os estorços feitos com o educando, por meio do trabalho, não são perdidos; esses estorços, feitos nos ancestraes, manifestam-se nas tendencias nos fillos e na operosidade das gerações.

Entre nós, ha, numa das nossas escolas normaes, um homem, que, filho de um illustre medico, me contou o seguinte caso:

«Meu pae, que foi medico, amava tanto o trabalho manual que, diariamente, trabalhava em seu banco de carpinteiro.

Algumas vezes, a chegada de um cliente interrompia-o e se passava a outra coisa.

—Dr. Fulano está?

—Está, sim senhor, queira entrar.

O cliente sentava-se. O carpinteiro entrava, trocava a blusa, e dahi a momentos voltava o medico, carinhoso e, paternalmente, auscultava e receitava, com alegria do cliente, que recebia duas receitas: a lição de trabalho e a therapeutica para o corpo entermo.

A esses habitos de trabalho, mantidos por seu genitor, attribue, ainda hoje o filho, a sua capacidade de adaptacao e os successos de sua vida social.

Finalmente, essas consciências, sedida, estão e são continuamente pregadas na «New Education».

Se nos admiramos os progressos americanos, porque não lhes copiamos os habitos e os sistemas de educação pelo trabalho?

A pedagogia de Kerschensteiner

Pelo que acabamos de expôr, creio ficou esboçada, numa commo pintura em largos traços, a acção, e as consequências ultteriores, do emprego do methodo do trabalho manual, embora só o tenhamos focalizado nos jardins de infancia e na escola primaria.

Mas, tão altos são os seus principios e tão profundamente remodeladores da natureza individual que, em 1900, a Alemanha ante a eficiencia esmagadora desse systema, pela voz da Academia de Erlurt, propoz a seguinte questão, que li através de Samonatti:

«Que educação civica se pôde dar aos adolescentes durante o periodo que media entre sua saída das escolas primarias — 14 annos — e seu ingresso no serviço militar obrigatorio?»

Dentre muitas respostas, nenhuma attingiu nem synthetizou tão bem a finalidade social dos jovens, como a que apresentou o professor Jorge Kerschensteiner em seu livro «Educação civica dos jovens de alemã».

E, sob a orientação dos seus grandes principios, organizava o referido professor as escolas de Munich, de que era director geral.

O fim primordial de Kerschensteiner é moral e social. Na escola elle vive, pelo trabalho, de accordo com a educação e ha qui o que me referi na escola primaria, formar cidadãos que sejam uteis ao Estado e que o sirvam com intelligencia e boa vontade.

Para tal fim estabelece a pratica intensiva e extensiva do trabalho manual individual e colectivo; associa os alumnos na disciplina escolar, dá-lhes uma organização social de Estado-Escola. Seu ponto de apoio é a formação do caracter; formação essa que se inicia desde os primeiros passos do alumno na escola primaria, com o Sloyd, e vai se tornando cada vez mais até attingir as escolas profissionais e complementivas, onde a pratica civica está intimamente ligada ao trabalho commum, aos successos e glorias communs, á cooperação de todos para o bem estar geral.

«Arbeitschulen» foi a denominação que Kerschensteiner deu a essas escolas, porque nellas o factor principal é o trabalho manual e as outras disciplinas são orientadas como se fez o ensinamento do trabalho manual.

Um dos grandes principios pedagogicos apreçados pelo referido mestre—o valor de nossa educação escolar reside muito menos na cultura da intelligencia que na preparação para o trabalho exacto, consciencioso, completo e bem terminado—está plenamente demonstrado na pratica mundial,

porque o valor do trabalho manual é criar a disciplina moral, a exactidão dos nossos actos, e os habitos de ordem, que nos levam ao dominio do espirito sobre o corpo, á rectidão das acções, á consciencia e á formação do caracter.

O caracter não se forma com explicações, maximas, ou tratados de rhetorica, senão por meio do trabalho continuo e bem applicado.

A synthese da Pedagogia de Jorge Kerschensteiner é:

- a) fazer do trabalho o centro de interesse;
- b) captar a sympathia e a cooperação dos patrones, por um lado, e das associações obreras por outro, inclinadas a a favor das escolas;
- c) dar sufficiente tempo de instrução, em quantidade e boa qualidade;
- d) aproveitar todas as oportunidades que se apresentam para a melhor formação civica;
- e) fazer que o homem não desapareça no trabalhador; vindo o futuro cidadão no aprendiz.

Eu dizia ha pouco que a formação civica reside no trabalho de cooperação, e todas as vantagens descorrentes podem ser apreciadas por quem quer que seja: o habito de executar em alumnos o trabalho em conjunto, fa-los aos poucos firmarem-se nos successos e reveses; dá-lhes o desprendimento altruistico e a satisfacção de cooperarem para o bem geral; a consciencia dos deveres de cada um para o bem de todos; a noção de responsabilidade, a sujeição da ambição de cada um á ambição da classe; o prazer de criar e a noção de Estado e sua defesa, são idéas que se crystallizam na consciencia da juventude, para desabrocharem depois em obras e actos civicos.

Dessa maneira se forma o caracter e se cimeta a educação civica, porque a escola longe de preparar individualidades brilhantes, deve ser uma instituição social e preparar valores moraes.

Até aqui vimos que a finalidade do Sloyd nos jardins de infancia e nas escolas primarias em geral é educar, provocar a manifestação de tendencias artisticas, corrigir as más inclinações moraes e facilitar a manifestação das qualidades que dormem nos recessos do organismo.

Mas, terminada essa phase, caracteristicamente educativa—e que, bem feita, já é muitissimo—entremos propriamente no Ensino Profissional.

Ensino Profissional

Ha aqui uma séria difficuldade, a classificação dessas escolas, porque a denominação é ainda um problema; mas, uma vez separado do Sloyd do plano educativo, com fins industriaes, podemos classificar as escolas que têm essa orientação, segundo a finalidade da respectiva missão: escolas vocacionaes ou profissionais, em que se procura encaminhar a aptidão do alumno e em que se lhe dá o fundamento preciso para, em contacto com a industria, desenvolver e attingir qualquer posição; depois as escolas industriaes ou monotecnicas, que formam o mestre, o professor, o industrial, o gerente, o capataz, o chefe de serviço, etc, e que fecham o cyclo da educação pelo trabalho.

São estas escolas as grandes aradas da civilização, que revolvem e fortificam idéas; são barricas opostas ás desagregações sociais, e á infiltração da degeneração moral, que surgiu na Russia e ameaça tragar todo o orbe.

Sobre esse ponto, parece incrível, capezar das diversidades ethnographicas, das tradições socies e mesologicas de todos os povos, dos idiomas e religiões, e de outros factores menos importantes na formação do caracter nacional, nesse ponto de vista todos os sociologos e estadistas são accordes attribuído e ligando o futuro elemento de vida de cada povo ao grau extensivo e intensivo da educação technica das suas escolas.

Poder-se-á dizer: mostra-me as tuas escolas, eu te direi o que és e o que valerás.

As escolas profissionais são, na sua organização e nos seus programas, a prosecução dos grandes principios do Sloyd já expostos, accrescidos aqui dos fins industriaes, para que os moços possam obter o elemento de vida que lhe garante a propria independencia economica e moral.

Dizer como operam essas escolas seria por demais util; mas, devido ao limitado tempo de que disponho, resumirei: educar os moços no trabalho de modo que lhes saiam precisas de execução e acabamento perfeito; ensinar-lhes o

valor do trabalho; mostrar-lhes os interesses do obreiro e os do patrão; a fiel execução dos seus encargos, o respeito aos contractos e a necessidade de concorrer para os progressos da industria, que são também os seus e os de sua patria.

Ensinar sempre a arte ou officio por meio de turnos ou estagios em todas as partes em que a materia prima dessa arte ou officio soffra elaborações que tenham ligação ou concorram para o acabamento integral do trabalho que lhe foi confiado para que o jovem logre a verdadeira independencia technica e economica. Aliar ao trabalho os grandes principios formadores do caracter, para a formação civica do joven.

A proposito dessa falta de finalidade utilitaria da instrucção e da educação, um escriptor americano, pelo Boletim Pan-Americano, de julho de 1922, fez a seguinte critica á educação americana:

Um typo dos não treçados da classe culta segundo um autor americano

Acabo de me formar em um lyceu. Passo por ser instruido, O Governo me deu professores habéis e apparelhos caros. No entanto vou dizer umas poucas cousas que não sei. Eu sei de cor muitos trechos da lingua inglesa, mas se tivesse de pedir um almoço em inglez, creio que seria obrigado a passar fome.

Sou muito habili na conjugação dos verbos francezes, mas se estivesse perdido nas ruas de Paris não saberia perguntar o caminho para as ruas moradas.

Sei achar a taxa quadrada de 3556,790, mas não sei escripturar o razáo do negocio de meu paé.

Sei provar que o quadrado da hypothenuza é igual á somma do quadrado dos cathetos, mas não sei calcular a quantidade de papel necessario para cobrir as paredes da sala nem avaliar o numero de metros de um tapete para cobrir o assoalho.

Estudei economia politica até que a minha cabeça está cheia de theorias eras e palavras de 7 syllabas; mas não sei o nome dos vereadores de nossa parochia nem do congressista do nosso districto.

Tive 50 lições de chimica, mas não sei porque devo incluir o alcool ao meu organismo; nem o que constitue uma dieta equilibrada para um rapaz de minha idade.

Não tenho idéa de qual a especie de solo conveniente para o milho ou o trigo nem de outra qualquer especie de cultura.

Não sei distinguir a proba da cabreva e nada sei das plantas e fructos silvestres comestíveis nem dos nomes das grammas, musgos, folhas e flores communs que se encontram nos bosques onde passeio.

Fui approvado com distincção na lingua e literatura maternas, mas não seria capaz de ganhar 50\$ por mez, crevendo noticias; nem sei mesmo escrever uma carta capaz de ser lida e ainda comvessa; não revelo mais conhecimentos que os do vendeiro da esquina.

Nunca ninguém me ensinou a dominar os meus appetites nem me disse porque o deveria fazer; nem me fez vér a necessidade da disciplina mental, moral e physica, nem a natureza da verdadeira fidelidade.

Eu fui educado de accordo com as antigas formulas para a producção de um letrado e de um cavalleiro, e verifico que tenho que trabalhar para ganhar.

Não tenho gosto pelo trabalho, nem habito de economia, nem indole para resistir á tentação, nem habilidade para fazer qualquer outra coisa, que o mundo esteja disposto a pagar.

Em outras palavras, eu sou inteiramente falho de frenagem para a vida.

Isto é o que se diz de um moço americano; e entre nós? Quanta razão me assiste quando peço e prego sejam remodelados os nossos methodos escolares, de modo a serem meios de preparação dos jovens para a vida talqualmente ella se nos apresenta: iniciadora, rapida, especificativa e tambem alguma coisa polymata.

Espirito de trabalho

Forém os americanos não só criarem, ha cerca de um seculo, esse espirito de trabalho, como reformaram seus laes sociais, para que as questões complexas das relações economi-

cas e do trabalho tivessem solução condigna com as necessidades industriais e commercias do paiz.

Nessa animo de criar e melhorar o espirito de trabalho, de facilitar a cultura technica, para fomentar as largas industrias e o pezo da exportação, coraram essa obra gigantesca com a organização do «Laboratorio Technologico» de New York, repartição essa que, dispoendo de todo o apparelhamento moderno, que se relaciona com todas as industrias, está apparelhada para responder a quaisquer perguntas sobre os methodos e processos economicos de trabalho, rendimento; producção e melhora de qualquer industria.

Tão alto se tem elevado a grande republica no conceito dos povos civilizados—bastando synthetizar que, apezar de ser a America do Norte um paiz que paga os melhores salarios, é o em que a producção é mais barata e mais acatada—que o quadro seguinte nos mostra o custo da producção por operario nos principais paizes industriais, e a preponderancia americana na vida commercial do mundo:

- França, 32% da producção;
- Allemanha, 28% da producção;
- Inglaterra, 20% da producção;
- America do Norte, 18% da producção.

Esse facto que só por si attesta o valor de seu systema educativo, nos dá idéa completa do plano e da sua acção orientadora, se incidirmos um olhar sobre as consultas dirigidas ao «Cabinete de Technologias»:

«Qual é a duração de um salto de couro natural comparada á de um couro synthetic? Existe alguma forma de applicar esmalte, melhor que a commum, que se conserve por muito tempo sem fazer papa para revistas e jornaes? Póde um motor de aeroplano funcionar correctamente a uma altura de 2000 pés? A quantas libras de presso quebra uma determinada barra de aço? etc.»

E para essas consultas, publica ainda a referida repartição formulas para a preparação de alimentos e receitas economicas para donas de casa.

Durante a ultima guerra criou-se nos Estados Unidos a industria de lentes, crayas e espelhos; e, sob a direcção dessa repartição, hoje essa Republica é uma das maiores exportadoras desses artigos de commercio, resultando disso, e do valor desse preparo tecnico, a importancia do problema da educação profissional e do entrosseamento com elle mantem todos os probl mas sociais e politicos.

Desde os paizes pleroticamente povoados, que procuram manter a immigração a lei geometrica do crescimento, e necessitam garantir aos seus filhos uma eficiencia technica qualquer, que lhes assegure o successo na nova patria, até os que de população escassa e de ricas fontes de materia prima, em cuja preparação e acondicionamento logram conquistar mercados, fecundizando a preocupação social de ministrar a todos os cidadãos elementos fundamentais de vida economica e politica, mais se accentua e encarnea, na phase actual da civilização, o imperioso dever de criar e espalhar por todos os meios, as escolas profissionais, sustentadas pelos Governos e sob sua immediata vigilancia.

Sob essa orientação educativa, parece, caminhariam harmonicamente certos problemas que, até hoje, zombam da argucia dos sociologos e até de doutrinas philosophicas, mais ou menos em voga, porque, taes problemas, como nos mostra Charles Ham, se reduzem á acção provisora e educativa da Escola Profissional.

Acabo de vel-o provado, mais uma vez, ao lér e extrair da obra de Carlos Marx—O Capital, em que, a par das todas as fallhas e criticas do autor, perdida na vestidão das maximas, dos cotejos de doutrinas, e de factos sociais—elle cita a Educação como o remedio para a solução de todos esses males.

E diz num corollario: «nenhum objecto póde ter valor se não é útil; e, sendo inutil, porque nelle se gastou em perda o trabalho que contem, não cria valor—maxima que é a base da organização pratica das escolas, e a que responde esta outra:

«A finalidade do ensino deve ser a immediata utilidade, de accordo com a vida social.»

Ao rematar a doutrina que expende, doutrina que se poderá reunir em dois ou tres aphorismos sociais, conclue: «Quanto o trabalhador póde accumular para si mesmo—e só póde fazel-o enquanto é proprietario dos seus meios de producção,

—a accumulacão e a appropriação capitalista são impossiveis, por lhes faltar a classe assalariada, da qual não póde prescindir.»

Essa affirmacão, essa conclusão, não é mais que o fim que visamos nas escolas profissionais de verdade: dar a cada um os elementos precisos para que se baste a si mesmo, e seja um elemento de progresso e de evolução social, e seja. E' claro que esse problema, em que se educa e se instruem os homens para que se compre menos e se venda mais; em que se cria a pequena tenda e as grandes industrias, está vinculado á acção provisora e administrativa do Estado e só a elle cabe orientar-se para a regularização social e solução dos problemas attinentes ao capital e ao trabalho.

Essa luta forta de amar o homem contra a absorção do capital; de conquistar mercados e de os manter, na concurrencia actual, implica na obrigatoriedade de educar e formar o melhor obreiro, o melhor mestre, o melhor industrial, o melhor patrão, para assegurar a victoria social e economica.

Essa foi a marcha que seguiram em seus systemas de educação publica as principaes raças do mundo.

Na Allemanha, onde culminam Kerchersteiner e Van Der Goldt, sob essa orientação, o periodo de esclarezidade obrigatoria é dos 6 aos 14 annos; mas, até os 10 annos, essa obrigatoriedade é para a escola primaria ou do povo, como ali se denominam; e, ao attingirem essa idade as crianças, os paes devem informar qual é a carreira que desejam dar aos seus filhos.

Segundo a escola, technica ou liberal, continuam as crianças até aos 14 annos obrigatoriedade, ou sahem aos dez, para frequentar os gymnastics que se dividem:

Gymnasios classicos e reaes, que levam ás universidades;

Escolas reaes, que elevam os moços ás escolas superiores de commercio e industrias.

Aquelles cujos paes querem que sigam profissões technicas, continuam a estudar até aos 14 annos; dali passam as escolas continuativas, em que se applicam ao Sloyd vocacional até aos 17 e 18, e, finalmente, ingressam nas escolas industrias primarias, sem obrigatoriedade de frequencia inteira diaria, até completarem a educação technica operaria. Mas, se desejam attingir ás altas culminancias nas industrias e no commercio—gerencia, administração, direcção e postos especiaes—encontram abertas as portas das escolas reaes, como fecho dessa admiravel serieção technica.

Moldadas pelos grandes principios directores do Ky-sington Museum, na Inglaterra, mais ou menos como na Allemanha, «talvez um tanto irregularmente, dividem-se as escolas em elementares, elementares superiores (para meninas) e annos, e as secundas aos 12, com 3 annos de escolaridade em cada periodo.

Em ambos os typos escolares, o curso é composto geralmente, como entre nós, accrescido o programma masculino com trabalhos manuaes, e para as meninas, economia domestica.

Depois da escola elementar passam os rapazes para as elementares de grammatica, ou iniciam o curso profissional nas escolas industrias diurnas e nocturnas, salvo aquelles que se destinam ás profissões litterarias, que tem nos gymnasios o derivativo para suas actividades.

As escolas technicas industrias são seriadas em primarias e superiores, de modo a facilitar a formação do operario, do gerente, do especialista, do industrial, porque não se comprehende uma classe, como a industrial, que é um verdadeiro exercito, sem a preparação dos que a devem dirigir e orientar.

Charbon, Astier e Nicolay, em successivos livros, forçaram a reorganização do ensino quanto á diffusão e á serieção do ensino profissional na França: «O systema escolar francez comprehende escolas primarias e estabelecimentos superiores—collegios, lyceus, entrosados de forma que terminam o curso primario aos 12 annos, pódem os jovens iniciar os seus estudos nos collegios e attingir as carreiras litterarias e liberaes. Para os que desejam seguir os cursos technicos encontram em França, ao sahirem da escola primaria, cerca de 5.000 escolas profissionais, denominadas escolas manuaes para aprendizes», e superiores, com a mesma visáo e

mesmo carinho de bem dotar a França de uma sociedade intelligente, culta e altamente technica.

Forster, ingatizavel trabalhador e propagandista da educação pelo trabalho, criou uma corrente fortemente sympathica a essa educação na Suíça. Apezar da diversidade dos seus systemas escolares, seguindo os cantões, a instrucção começa nos jardins de infancia e segue nas escolas primarias—dos 6 aos 9 annos; depois prosegue nas escolas «continuas» com 3 annos de duração.

Essas escolas, tipicamente vocacionaes, preparadoras para as escolas superiores, do ciclo educativo primario. Vém depois as escolas secundarias, preparatorias para as superiores e universidades.

Até aqui temos visto que, em geral, os paizes mais adeantados procuram manter uma organização escolar de modo a facilitar meios de instrucção technica, abundante e seriada, por onde, gradativamente, as crianças sahem até lograrem completa preparação para a vida do trabalho, segundo a sua tendencia e de accordo com a obrigação democratica e educativa do Estado.

Umas, menos profundas em seus bases scientificas; outras, mais minuciosas e classicas, seguindo o genero de vida a que se destina a educação, mas todas, tendentes a um fim unico—educar preparando para a vida—guardando sempre uma ligação logica em seus programmas.

Entre nós, infelizmente, não ha finalidades: o jardim de infancia, cuja base é o trabalho manual, seus methodos não tem prosecução na escola primaria. Estas, que se dividem em isoladas e grupos escolares, não tem relações continuativas em seus programmas, nem guardam absolutamente os pontos de contacto, porque uma criança não póde passar de uma escola isolada para o anno correspondente do grupo escolar; e o trabalho manual—que é hoje a base da educação e da instrucção—não é motivo de despar, porque soffrem actualmente uma solução extra programma que os professores dão em suas aulas, por sentirem necessidade de certos trabalhos engenhosos para descaço dos alumnos.

As escolas profissionais, poucas, raras, difficeis e incompletas, não attendem a decima parte dos pedidos de ingresso. Seus programmas, embora preparem o bom aprendiz, porque soffrem actualmente uma solução de continuidade: a falta da escola completa, ou de preparação de mestres e officias technicas.

E como é importante essa missão!

A escola para mestre

Verdadeiramente, não fóra o dever e a consciencia profissional, eu não me atrevera a expor entre questões de ensino profissional a da preparação de mestres para esse mister; não fóra, talvez a previsão de maiores males que ameaçam a prosecução desse admiravel systema educativo, eu silenciaria; porque, levado pela necessidade de expor o facto em sua completa nudez, terei de desgostar ao mesmo, melindrar o amor proprio de muitos que, embora insensatos das fallhas aqui apontadas, poderão julgar-se attingidos.

Mas, ante as minhas observações e os resultados aqui collididos, cotejados com o que se passa nos principaes paizes do mundo; ante a mais significativa unidade de vistas que jamais uniu opinões, que são por sua natureza discordes, penso que a prompta criação de uma escola para preparação de mestres é a unica solução, quicá o unico remedio, para a salvacão do ensino profissional em terras africanas, ameaçado pelo fatal esporio mercenario que empolga, com raras excepções, o corpo de mestres das escolas profissionais do Estado.

A proposito disso, tenho em mão, e não posso ter mais em minha mão, uma obra admiravel da Belgica presidente: a Escola de Charleroy.

A Belgica, que é, talvez, na raça latina, o unico paiz que tem o código de trabalho, enfrentou a questão social indo ao encontro dos obreros belgas e, em uma grande e grande organismo que é o syndicalismo, e, após estudos de seus grandes estadistas, resolveu a questão, fundando, ampliando, desenvolvendo e corrigindo os methodos de trabalho; ella, a pequena Belgica, foi a primeira a criar as carreiras litterarias e liberaes. Para os que desejam seguir os cursos technicos encontram em França, ao sahirem da escola primaria, cerca de 5.000 escolas profissionais, denominadas escolas manuaes para aprendizes», e superiores, com a mesma visáo e

CONCLUSÃO

O dr. Lucio dos Santos: — Ao encerrar esta série de conferencias do professor Aprigio Gonzaga, tenho o summo prazer de agradecer-lhe os magnificos ensinamentos que nos proporcionou.

Conhecendo de longa data o meu distincto amigo, conhecendo a escola que elle dirige e a que dirigiu, estava eu plenamente seguro do successo destas suas conferencias.

Poderiamos ter proporcionado ao Aprigio Gonzaga um auditorio muito mais numeroso; ser-nos-ia isso extremamente facil si as conferencias se realizassem, por exemplo, no Theatro. Não foi esse, porém, o nosso desejo, e o sim que o professorado da Capital pudesse ouvir os seus ensinamentos, aproveitál-os e applical-os. Esse foi o pensamento do digno sr. Secretario do Interior.

Ora, esse objectivo, cremos havel-o realizado pela concurrencia a estas conferencias, pela attenção com que foram ouvidas, pelas observações que tambem ouvimos de todos aquelles que aqui estiveram.

O nosso agradecimento ao digno Professor é, portanto, muito grande e muito sincero.

Agradeço tambem a todos os presentes o seu comparecimento. Agradeço ainda ao digno sr. Secretario do Interior, meu presado amigo dr. Sandoval Azevedo, o ter-nos dado a honra de vir assistir e prestigiar com a sua presença estas conferencias.

A S. Exa. devemos as conferencias que se têm realizado ultimamente nesta Capital e que têm sido um meio de ensinamentos, um motivo de grande estimulo.

Grças a taes conferencias, o professorado da Capital já conhece com vantagem e já está nas condições de praticar os *tests*, excellente e efficiente meio de prova nas escolas.

O professor Baker, que aqui esteve, ministrou-nos a respeito, magnificos ensinamentos.

Não é, porém, nosso desejo ficarmos apenas nisto. Assim é que, tendo estado no Rio de Janeiro, estudei mais alguma cousa sobre o assumpto que transmittirei opportunamente ao professorado.

E' ainda desejo do digno sr. Secretario do Interior trazer um outro conferencista para tratar a materia, não porque não a tenhamos apprendido, grças ás conferencias do professor Baker, mas para que possamos fazer melhor adaptação desse trabalho ao nosso meio, aos nossos recursos, aproveitando-o devidamente.

A S. Exa. o sr. Secretario do Interior devemos, pois, este primeiro resultado. Devemos-lhe, agora, mais estas conferencias magnificas sobre um assumpto de alta relevancia.

Era natural que a respeito de tal assumpto estivéssemos tateando até agora; mas dentro em breve terá este o devido desenvolvimento, afim de chegarmos á uma solução satisfactoria.

Neste ponto de vista o professor Aprigio Gonzaga, digno director da Escola Profissional Mas-

culina de S. Paulo, nos deu uma orientação magnifica.

As suas conferencias serão publicadas para que fiquem com uma semente lançada em um sólo que, tenho certeza, ha de ser absolutamente fecundo, fertil de magnificos resultados.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos. Está encerrada a sessão.

LIÇÕES INSTRUCTIVAS

I

O MUNICIPIO

A dosagem é de grande importancia no ensino primario. Esta lição, destinada ao 1º anno, tem sómente por fim dar aos alumnos a significação da palavra "municipio"

Professora.—Já foram dadas algumas lições sobre a cidade, já fizemos excursões no melhor conhecê-la, já tivemos occasião de reproduzi-la no tabuleiro de area. Depois da cidade, que é o que estudamos? Você, Lucilia, responde-me...

Alumna.—Nós estudamos o districto da cidade.

P. De que maneira o fizemos? Diga-me Geraldo.

A. Ficamos sabendo que o districto é a cidade com muitas fazendas existentes em redor. Depois recortamos em papel a forma do districto.

P. Vou desenhá-lo no quadro negro do districto da cidade, indicando o logar desta e de algumas fazendas. Qual de vocês conhece alguma fazenda? Alberto, de que fazenda se lembra?

A. Conheço a fazenda do Madeira.

P. Eu a indicarei aqui pertinho da cidade. Mas, não ha sómente o districto da cidade, ha tambem outros districtos em volta delle. Quantos, Conceição?

A. Não sei...

P. Vou desenhá-lo no quadro negro. Agora, eu me lembro, para não demorar muito, já trouxe todos os districtos recortados em papel de diversas cores.

A. Quantos são elles?

P. Elles são oito, e cada um tem o seu nome. Aqui está um quadro com todos os districtos devidamente collocados. Venha contal-os, Iracema.

A. Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito.

P. Qual é o districto da cidade, já seu conhecido?

A. É este cor de rosa.

P. José, venha apontar o maior e o menor dos districtos.

A. O maior é este cor de rosa e o menor é o verde.

P. Pois, o menor chama-se Ribeirão Vermelho, e o maior é o districto da cidade. Maria, como se chama o districto menor?

A. O districto menor cham-se Ribeirão Vermelho.

P. E o maior, Julio?

A. O maior é o districto da cidade.

P. Então, Paulo, quantos districtos conhecemos pelos nomes?

A. Dois, que são o districto da cidade e o districto de Ribeirão Vermelho.

P. Faltam seis. Vejamos os nomes de mais tres. Este azul chama-se Luminarias; o amarelo, Carranca; o vermelho, Itutinga. Venha um alumno que saiba os nomes já ensinados.

A. Districto da cidade, Ribeirão Vermelho, Luminarias, Carranca.

P. Falta um. Quem sabe? Diga, Paulo.

A. Itutinga.

P. Agora, falta dar quantos nomes de districtos?

A. Tres.

Revista do Ensino

P. Esses chamam-se Ingahy, Itumirim, Ijacy. São portanto, oito districtos com estes nomes: districto da cidade, Ribeirão Vermelho, Luminarias, Carranca, Itutinga, Ingahy, Itumirim, Ijacy. Qual dos alumnos pôde dizel-os? Você, Henrique.

A. Districto da cidade, Ribeirão Vermelho, Luminarias, Ingahy.

P. Lembra-se dos outros, Carmen?

A. Itutinga, Ijacy.

P. Ainda faltam dois. Como ninguém se lembra delles, vou dizer-lhes quaes são: Carranca e Itumirim. São oito districtos, que em outra aula cada um de vocês ha de recortar em papel, e depois juntal-os, como eu fiz. Cada districto consta de uma povoação cercada de fazendas, conforme explico a respeito da cidade. Já se esqueceram dos nomes dos districtos? Você, Francisco.

A. Districto da cidade, Ribeirão Vermelho, Ijacy, Luminarias.

P. Você sabe só da metade. Depois a classe decorará os nomes todos. Agora, prestem bastante attenção no que

vou ensinar: — os oito districtos reunidos, conforme aqui se acham, tem o nome de "municipio". Que nome é mesmo, Isabel?

A. Municipio.

P. A classe toda dirá commigo: o municipio é formado de districtos.

A. O municipio é formado de districtos.

P. O municipio tambem tem nome. Este nosso, de que estamos tratando, chama-se municipio de Lavras. Repitam esse nome.

A. Municipio de Lavras.

P. O municipio de Lavras é formado de oito districtos. Agora, sabem vocês que é um municipio. Na lição seguinte, toda a classe recortará os districtos em papel para formar depois o municipio.

(Continúa).

FIRMINGO CCSTA

SECÇÃO RECREATIVA

JOGOS PHYSICOS NAS ESCOLAS

Continuamos a publicar com prazer, diversos jogos menores e corridas, organizados uns e inventados outros pela professora de Lavras, D. Maria Bueno.

Esta distincta senhora, empenhada, de ha muito, na sublime missão de educar a infancia, tem, durante esse tracto de tempo, concentrado as scenelhas de sua brilhante intelligencia em pró da diffusão e aperfeiçoamento do ensino, não tanto em Lavras, como tambem no Estado.

Merece, pois, a illustrada docente os nossos mais calorosos encomios pelas bellas iniciativas que lhe tem constituído a aureola do caracter, devendo ser limitada por muitas de nossas professoras.

Conhecendo que educar as potenciaes intellectuaes das creanças, esquecendo-lhes todavia as faculdades organicas seria um trabalho imperfeito e de nenhum resultado para a sociedade, D. Maria Bueno, sobre ter sido talhada para formar o caracter e o coração dos jovens educandos, não descuro o seu desenvolvimento physico, promovendo meios no sentido de serem simultaneamente aprimoradas as faculdades organicas e inorganicas dos seus alumnos.

Os resultados auferidos por D. Maria Bueno, tem sido dos mais satisfactorios em materia de ensino, por ter ella sempre em vista o cultivo harmonico das creanças.

Recommendamos, portanto, em nome do Snr. Secretario, aos dirigentes do Ensino, a pratica dos exercicios physicos, cujas instruções editamos abaixo, scientes de que serão os mesmos de francos expositos no meio escolar.

A D. Maria Bueno, a Redacção desta Revista agradece a collaboração e envia leaes parabens pela

grande parte activa que tem tomado na cruzada do ensino, desejando que a distincta professora continue a proseguir, sem desfalecimento, na derrota que tão bem traçou.

CORRIDAS

Em corridas a columna ou fileira que acabar de correr primeiro será a vencedora.

1º DE RAIOS

Dispôr a classe em fileiras perpendiculares, com a mesma frente. Dado o signal, os da ponta correrão fazendo a volta completa do circulo e chegando ao primitivo logar, baterão no hombro do numero 2 e entrarão na ponta do lado inferior.

2º PASSAR A BOLA ENTRE AS PERNAS

Dispôr a classe em columnas, de pernas separadas. Colocar a bola na frente. Dado o signal, o primeiro jogador lançará a bola entre as pernas até o ultimo, que de posse della, correrá, até a extremidade do campo. Voltando, formará na mesma posição que os outros e lançará a bola por entre as pernas.

3º PASSAR A BOLA POR CIMA DA CABEÇA

Dispôr a classe em columnas, entregando-se a bola ao primeiro jogador de cada uma dellas. Dado o signal, este passará a bola por cima da cabeça ao segundo, que a passará ao terceiro, etc., até o ultimo, que de posse della correrá até a extremidade do campo. Voltando, formará na mesma posição que os outros e passará a bola, de mão em mão por cima da cabeça até o ultimo.

4º PASSAR A BOLA NOS ANTE-BRAÇOS

Dispôr a classe em fileiras, com meia flexão dos ante-braços. Colocar a bola nos ante-braços do primeiro jogador. Dado o signal, este passará ao segundo, até o ultimo. Esta de posse della correrá até a extremidade do campo. Voltando, formará na mesma posição que os outros e passará a bola.

5º DO MACACO

Dispôr a classe em columnas. Dando o signal, os da ponta collocarão as mãos no chão, mantendo as pernas esticadas, e correrão nesta posição, até a extremidade do campo. Voltando, cumpre ao segundo repetir es movimentos e assim por diante. Os que correm formarão á retaguarda a columna.

6º DA LAGOSTA

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas deitar-se-á de costas no chão sobre os pés e as mãos, e nesta posição, caminhará até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

7º KANGURU'

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas collocar á bola entre os joelhos e caminhará nesta posição, até a extremidade do campo e voltará, sem deixar cair a bola: si tal se der, terá de repol-á entre os joelhos antes de andar. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

8º ROLAR A BOLA

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas, rolará a bola até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

9º SALTAR BARREIRAS

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas dará um passo em frente e penderá o corpo de lado para a columna. O segundo saltará por cima delle, dará dois passos e ficará na mesma posição.

10. EM AMBOS OS PÉS

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, correrá o primeiro jogador de cada uma dellas de pé juntos, até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

11. EM UM PÉ

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, correrá o primeiro jogador, de cada uma dellas, num pé, até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

12. IDA DE FRENTE, VOLTA DE COSTAS

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, correrá o primeiro jogador de cada uma dellas até a extremidade do campo e voltará de costas. Sahirá então o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

13. DE DOIS, TRES, QUATRO, ETC.

Dispõe-se a classe em columnas de dois, tres, quatro, etc. Dado o signal, o primeiro grupo de cada uma dellas de mãos entrelaçadas, correrá até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo grupo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

14. IDA DE COSTAS, VOLTA DE FRENTE

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, correrá o primeiro jogador de cada uma dellas, de costas, até a extremidade do campo e voltará de frente. Sahirá então o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

15. DESCASCAR A COBRA

Dispõe-se a classe em columnas. Os jogadores passarão a mão direita entre as pernas e segurarão á esquerda do seu companheiro da retaguarda. Dado o signal o ultimo deita-se, e, assim de um em um, todo a columna e logo se levanta de um em um tambem, sem quebrar a cadeia na ida, como na volta.

16. MONTADO

Dispõe-se a classe em columnas. Sortear cavallos e cavalleiros. Dado o signal o primeiro cavalleiro de cada uma dellas montará, correndo o cavallo até a extremidade do campo. Ahi chegando, trocará de posição. Voltando, sahirá o segundo grupo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

17. CARRINHO DE MÃO

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas ficará em apoio de frente, inclinado e o segundo lhe segurará os pés; nesta posição correrá até a extremidade do campo. Ahi chegando, trocará de posição. Voltando sahirá o segundo grupo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

18. SALTAR A VARA

Dispõe-se a classe em columnas. Entregar ao primeiro jogador de cada uma dellas uma vara. Dado o signal, este correrá até a extremidade do campo e, voltando, entregará a outra ponta da vara ao segundo; ambos segurando assim a vara correrão até o fim da columna trazendo a vara rasteira ao chão e fazendo com que a columna salte por cima. O segundo correrá, então até a extremidade do campo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

19. BASKET-BALL

Dispõe-se a classe em columnas. Entregar ao primeiro jogador de cada uma dellas uma bola. Dado o signal, este lançará a bola á cesta e, feito o "goal", correrá até o outro afim de repetir a manobra. Passará, então a bola ao segundo, indo formar á retaguarda da columna.

20. BATATAS

Dispõe-se a classe em columnas. Haverá uma caixa com tres batatas em frente de cada uma e na extremidade do campo uma outra vazia. Dado o signal, o primeiro jogador pegará uma batata e a deixará na caixa distante, dando a volta á mesma, e repetirá a manobra até levar todas as batatas. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

21. SIMPLES

Dispõe-se a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas correrá até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

22. MUDAR TRES MASSAS

Este jogo exige tantas vezes tres massas quanto o numero de columnas, de jogadores. Tragar no chão, na extremidade opposta ás columnas, dois circulos para cada uma, collocando-se tres massas dentro de um dellas. Dado o signal, correrá o primeiro jogador até o circulo onde estiverem as massas, porá uma das mãos nas costas e transferirá as massas, de uma em uma, para o outro circulo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

23. PASSAR A MASSA

Dispõe-se a classe em columnas, com as pernas separadas, tendo o primeiro jogador de cada qual na massa. Dado o signal, o primeiro passará a massa entre as pernas ao segundo, até o ultimo, que a levará e dará a volta em torno de um ponto, previamente marcado na extremidade opposta do campo, e virá collocar-se em frente de sua columna. E assim por diante.

24. ROLAR O ALTER

Dispõe-se a classe em columnas, com as pernas separadas, tendo o primeiro jogador de cada qual um alter. Dado o signal, o primeiro passará o alter entre as pernas ao segundo, até o ultimo, que o rolará até a extremidade do campo, e virá collocar-se em frente da sua columna. E assim por diante.

25. ESTAFETA MONTADO

Dispõe-se a classe em columnas e fronteiro a cada uma na extremidade do campo um jogador. Dado o signal, o segundo de cada columna montará no primeiro e correrão assim até a extremidade do campo, onde o cavalleiro muda de montaria, montando no jogador que ahi estiver. E assim por diante, revezando-se sempre «cavallos» e «cavalleiros».

26. SOCCORRO

Dispõe-se a classe em columnas e, fronteiro a cada uma, na extremidade do campo, um jogador deitado. Dado o signal, o segundo de cada columna montará no primeiro e correrá em frente, e, trará nas costas, o que estiver deitado lá ficando o «cavallo» deitado.

27. MORTO

Dispõe-se a classe em columnas e, fronteiro a cada uma, na extremidade do campo, um jogador deitado de pé para a sua columna. Dado o signal, o primeiro correrá para o «morto», ficará atrás delle e o levantará pelos hombros ou pela nuca e, se deitá-lo no seu lugar. O outro irá formar á retaguarda da columna e sahirá o segundo.

28. CENTOPEIA

Dispõe-se a classe em columnas. Os jogadores passarão a mão direita entre as pernas e segurarão á esquerda do seu companheiro da retaguarda. Dado o signal, as turmas correrão sem largar as mãos, até o ponto previamente marcado, voltando ao ponto de partida.

29. SAPO

Dispõe-se a classe em columnas. O primeiro jogador dobrará os joelhos e collocará as mãos no chão. Dado o signal, correrá nesta posição aos saltos até a extremidade do campo, voltando ao ponto de partida.

30. CHINEZA

Semelhança a «saltar a vara», mas, em vez da vara, dá-se a mão ao outro jogador.

Lavras, 10 de junho de 1925.

(Continúa)

A lenda do Arco-Iris

por G. S. Bowman

Nascida entre nuvens cor de ambar, Iris amava a sua bella morada e tudo o que a circumdava. Innumeros foram os passeios que fez no argenteo batel da Lua e durante elles teve ensejo de ouvir, revelado por ellas, o segredo da scintillação das Estrellas.

Alimentava-se de orvalho e raios solares e o seu leito eram as nuves tenues e macias. Afeiçoada á morada sideral, reservava, entretanto, para o avô, o velho Oceano, a sua melhor caricia. Sentindo-se feliz quando o via alegre, ao sentir o manto de nevoeiro e o som do trovão, achegava-se-lhe mais e sorria-lhe até que elle lhe sorrisse tambem. E elle, o Velho, bem quizera tel-a assim sempre ao seu lado pois ninguem havia que melhor o comprehendesse.

Co' municando um dia o seu desejo ao Sol, este, sacudindo a fulva cabelleira, fez-lhe ver que aspirava uma coisa impossivel. «Porque Iris, explique, tanto pertence ao oceano quanto ao firmamento, o que absolutamente não pôde é pertencer a um só».

Ao velho Oceano não conseguiu dissimular a sua magua e o seu desamparo ante essa revelação, e isto não passou despercebido ao Sol, que teve então um inspiração feliz:

«Pois bem!—exclamou,—Iris será a mensageira entre o Céu e a Terra!»—O velho Oceano custou a conformar-se com essa solução, mas que remedio não accomodar-se ás circumstancias. Combinaram entre si o melhor meio de facilitar a Iris a viagem. Deram-lhe uma ponte illuminada a côres, com uma das extremidades firmada ao Firmamento e a outra presa á Terra por correntes de ouro, colando-lhe aos hombros um par de azas rutilantes. Ofereceu-lhe a Terra as suas flores mais odorantes e o Mar, exsudando, lançou ao espaço longas estrias de neblina argentea. Fazendo do Vento Lançadeira e do Firmamento tear, urdiu o Sol uma ponte deslumbrante, que, terminada, disputava a primazia entre as maravilhas do Mundo. Para Iris, era apenas o

caminho flamejante entre a terra e a sideral morada e para o homem foi o arco-iris, o arco da esperança.

FOLKLORISMO

Como appareceu a mandioca

(Mani-oca)

A mandioca, o alimento tão prosaico e commum, tem, entretanto, segundo a versão tupy, uma origem interessante e poetica.

Da primogenita do chefe da taba viria ao mundo de modo mysterioso, uma creança extraordinaria. Os que a viram sahiram a apregoar de oca em oca que era um anjo do céo.

Vinda ao berço do burity quando a aurora beijava as lombadas da serra, tudo nella era extranho e phantastico. Os cabellos, logo ao nascer, cahiam-lhe já pelas espaldas unhas em cascata de ouro, irizada á luz do sol levante, desenrolando-se em caracões de fada, graciosos e delicados.

A tez, longe de ter o bronzeado da tribu, era alva como a geada e ligeiramente colorida do transparente ethereo da madrugada á hora apotholica do rosicler.

Brilhavam dentro das suas orbitas dois olhos candidos e azues e, recomscida ainda, já lhe adornavam a bocca, ao abrir dos labios rubros como o fructo da pitanga, duas feiras de dentes esmaltados e bem feitos.

A pelle, transparente e fina, tinha a debilidade vaporosa das gottas de orvalho que se desprendem ao primeiro golpe do sol.

A tribu toda alvorouço-se com a vinda á terra, em condições tão mysteriosas, desse ente sobrenatural. Os pagés, sacerdotes do culto e prescruatores do futuro foram chamados e consultados.

Sobre a sua origem variavam as opiniões até que uma noite, em sua cabana, o Cacique teve uma visão que lhe denunciou a origem semi-divina de Mani.

A nova não tardou a espalhar-se pelas outras tribus e em breve milhares e milhares de guerreiros, deixando as suas tabas, accorrem a venerala. E essa veneração mystica mais se avolumou quando a viram, precocemente, falar aos guerreiros uma linguagem doce como o mel de arapua e verdadeira como a voz dos pagés.

Muitas luas se succederam até que uma tarde, quando, convocados, os filhos da selva adusta se entregavam aos folguedos da dança, a extranha creatura appareceu no grande pateo circular. Como por encanto, as pocemas e os borés estridulos cessaram. Mani atravessou á luz do luar as filas dos bronzeados selvicos, assentou-se no tronco central, ao lado da fogueira creplante, e mansamente, pendendo a cabeça loura, expirou sem um suspiro de

dor, sem uma contracção nas faces placidamente serena.

Lamentações irromperam, mulheres arrancaram os cabelos, pranteando, e o clamor festivo das *imbias* mudou-se em melodia chorosa entrecortada de soluços.

No interior da *oca*, sob o tecto conico, coberto de sapé, enterraram o fragil e adorado corpinho.

Diariamente, á hora do sol no occaso, regavam, segundo o costume da tribu, o pequeno tumulo, até que um dia o selvagem encarregado dessa piedosa tarefa, encontrou, brotada sobre a cova de Mani, uma planta conhecida.

A haste deu em poucos dias sementes que os da tribu, levados por um respeito supersticioso,

não ousaram colher. Dentro em pouco, porém, os passaros vinham, aos bandos, devorá-las, sahindo embriagados pelo nectar que encerravam.

Ninguém a tocava; ninguém se atrevia a profanar o vegetal ignoto e sagrado. Afinal a terra, fendendo-se por si, descobriu-lhe a raíz.

Cavando-a, então, extrahiram-na e no seu miolo branco, revelador de um alimento poderoso, viam todos o corpo metamorphoseado de Mani, mysteriosa enviado do Céu.

Provaram-na, e assim appareceu a mandioca, alimento bendito dos filhos de Tupan, transfiguração de Mani no ambito escuro de sua *oca*.

FOLK

PARTE OFFICIAL

Relação dos professores elogiados, de 16 de Maio a 15 de Junho de 1924.

Por Portarias:

Dia 16 de maio:

1) Zaneta Sabino Silva, da cidade do Carmo do Paranahyba;

Por Officios:

Dia 22 de maio:

1) Durval de Souza Furtado e sua auxiliar, de S. Vicente Ferrer, municipio de Turvo;

Dia 26 de maio:

2) Christina Deslandes Mourão, da Villa de Manhumirim;

Dia 30 de maio:

3) Augusta de Andrade Costa, da cidade de Uberaba;

4) Maria de Lourdes Jardim, da mesma cidade.

Por Portarias:

Dia 1 de junho:

1) Modestina Falci, de Antunes, municipio de Pará de Minas.

Dia 8 de junho:

2) Maria Carlota Rios, de Mattosinhos, arrabal da cidade de S. João d'El-Rey;

Dia 9 de junho:

3) Elisa Sette Bicalho, de Piedade, municipio de Ponte Nova;

4) Maria de Lourdes Sette Torres, idem, idem;

Dia 12 de junho:

5) Maria da Conceição Garcia, da Villa de Intanhandi;

6) Juvenal Sanches de Lemos Brandão, Rosalina Prado, Ursulina Tomasine, Capitulina de Almeida, Maria Gomes de Oliveira, Hermengarda de Miranda Gomes, Maria Ignacia de Miranda e Leonilda Lemi, director e professores do Grupo Escolar de Ouro Fino;

7) João Gualberto Soares de Senna, Zulmira Teixeira da Fonseca, Aulizia Mendonça Alvarenga Maffra, Luiza Romanó, Maria de Vasconcellos Pinto, Maria José Teixeira da Fonseca e Albertina Teixei-

ra de Campos Leão, director e professoras do Grupo Escolar de Santa Barbara;

8) Eurico Silva, director do Grupo Escolar de Uberaba;

9) Jacintho Hermogenes Ferreira Braga, de S. José da Varginha, municipio de Pará de Minas.

Por Officios:

Dia 1 de junho:

1) Jacy Getelip, de Penha Longa, municipio de Mar de Hespanha;

Dia 3 de junho:

2) Zilda Gama, de Porto Novo, municipio de Além Parahyba;

Dia 6 de junho:

3) Maria Collecta, da cidade de Palmyra;

Dia 8 de junho:

4) Laudelia Gonçalves da Silva, de S. José do Gouvêa, municipio de Ouro Preto;

5) Orminda da Rocha e sua adjuncta, de Barra, municipio de Manhumirim;

Dia 9 de junho:

6) Maria Amalia de Azevedo, de Ligação, municipio de Ubá;

Dia 12 de junho:

7) Alice Maria de Barros, de S. Simão, municipio de Manhuassú;

8) America Hermenevinda Ferreira e Maria Libania da Silva Chantal, do Grupo Escolar de Ouro Fino;

9) Carlota Santa Rosa e Josephina Maria de Araujo, do Grupo Escolar de Santa Barbara;

10) Maria Julieta Campos, Bertholina Santos, Corina de Oliveira, Noemi Ribeiro da Luz, Herminia Baptista, Alcina Maria Coutinho, Umbelina Terra, Maria Bernardes Bibeiro da Luz, Maria Carmen de Mendonça, Hermentina RomosSovieri, Maria Pereira de Souza, Fernando Araujo Vaz de Mello e João Augusto Chaves, professores do Grupo Escolar de Uberaba;

Dia 13 de junho:

11) Bemfica Themistocles Ayres, de Monte Verde, municipio de Mar de Hespanha.